



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO  
JORNALISMO

**DESAFIOS E OPORTUNIDADES PARA JORNALISTAS  
MULHERES EM REGIÕES DE CONFLITO: A PERSPECTIVA  
DE GÊNERO NA COBERTURA DE GUERRA**

**ANNE POLY PINHEIRO DA SILVA**

Rio de Janeiro

2024



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO  
JORNALISMO

**DESAFIOS E OPORTUNIDADES PARA JORNALISTAS  
MULHERES EM REGIÕES DE CONFLITO: A PERSPECTIVA  
DE GÊNERO NO JORNALISMO DE GUERRA**

Monografia submetida à Banca de Graduação  
como requisito para obtenção do diploma de  
Bacharel em Jornalismo.

**ANNE POLY PINHEIRO DA SILVA**

**Orientadora: Profa. Dra. Fernanda Espinola Paraguassu de Sá**

Rio de Janeiro  
2024

## FICHA CATALOGRÁFICA

### CIP - Catalogação na Publicação

S586d Silva, Anne  
Desafios e oportunidades para jornalistas  
mulheres em regiões de conflito / Anne Silva.  
-- Rio de Janeiro, 2024.  
69 f.

Orientadora: Fernanda Paraguassu.  
Trabalho de conclusão de curso (graduação) -  
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola  
de Comunicação, Bacharel em Jornalismo, 2024.

1. Cobertura de guerra. 2. Mulheres  
jornalistas. 3. Conflitos internacionais.  
4. Jornalismo. 5. I. Paraguassu, Fernanda,  
orient. II. Título.

Elaborado pelo Sistema de Geração Automática da UFRJ com os dados fornecidos  
pelo(a) autor(a), sob a responsabilidade de Miguel Romeu Amorim Neto - CRB-7/6283.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

**TERMO DE APROVAÇÃO**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, avalia o trabalho **Desafios e oportunidades para jornalistas mulheres em regiões de conflito: a perspectiva de gênero na cobertura de guerra**, elaborado por **Anne Poly Pinheiro da Silva**.

Aprovado por



---

Profa. Dra. Fernanda Espinola Paraguassu de Sá (orientadora)



---

Profa. Dra. Patrícia da Veiga Borges



---

Prof. Dr. Allan Carlos dos Santos

Grau: 10,0

Rio de Janeiro, no dia ..12...../..12...../..2024.....

Rio de Janeiro

2024

A Deus, por conduzir minha vida desde sempre,  
e por fazer isso com tanta delicadeza agora,  
nesta etapa tão importante.

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, por tornar linhas rígidas e árduas em curvas fluidas, cheias de beleza e paz.

Aos meus pais, por sonharem meus sonhos comigo, mas principalmente por terem sonhos próprios a serem realizados.

Ao meu irmão, Filipe, por dividirmos as certezas que realmente importam.

Aos meus familiares, por vibrarem de empolgação quando passei no vestibular e por manterem a mesma alegria diante das minhas oportunidades profissionais.

À Fernanda Paraguassu, por entender minhas ideias quando não consegui expressá-las em palavras. Você é uma incentivadora.

Aos meus amigos, por compartilharem as belezas e as dificuldades da vida comigo, e por entenderem o motivo da abdicação dos meus dias livres.

Aos amigos da faculdade, por tornarem minha jornada acadêmica mais divertida e leve. E, em especial, à amiga Caroline Simões, que me acompanha desde o Ensino Médio. Fomos meninas estudantes juntas, e agora somos mulheres jornalistas!

Aos meus avós maternos e paternos, que batalharam por anos a fio para que os filhos tivessem um futuro digno. Se consegui entrar na Universidade que tanto sonhei, vocês são os responsáveis. E esse legado jamais será esquecido.

SILVA, Anne. **Desafios e oportunidades para jornalistas mulheres em regiões de conflito: a perspectiva de gênero na cobertura de guerra.** Orientadora: Fernanda Espinola Paraguassu de Sá. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Jornalismo). Rio de Janeiro: ECO/UFRJ, 2024.

## RESUMO

Este trabalho investiga a perspectiva individual e coletiva das jornalistas que cobrem conflitos internacionais. Para alcançarmos o objetivo, em um primeiro momento a presença histórica das mulheres na guerra resgata os principais desafios enfrentados pelas correspondentes pioneiras, bem como as oportunidades encontradas para o pleno exercício do fazer jornalístico. Para a compreensão da realidade feminina no século XXI, organizamos entrevistas qualitativas semiestruturadas com mulheres envolvidas nos atuais conflitos Rússia-Ucrânia e Israel-Hamas. A escolha das entrevistadas parte da pluralidade de perspectivas. Foram ouvidas uma *fixer* ucraniana, que presenciou os horrores da guerra na sua terra natal, uma portuguesa enviada especial na Ucrânia e uma correspondente internacional brasileira, que cobre os embates no Oriente Médio. Os resultados destacam as rupturas e as continuidades nas limitações impostas pela barreira de gênero nas gerações mais recentes e reforçam o avanço das oportunidades femininas na guerra. Os depoimentos coletados, alinhados ao contexto cultural e religioso do gênero feminino nas zonas de cobertura, apontam para uma visão distanciada de estereótipos, tanto para com países orientais quanto ocidentais.

**Palavras-chave:** cobertura de guerra; mulheres jornalistas; conflitos internacionais; jornalismo.

## SUMÁRIO

<b>1. Introdução</b>	1
<b>2. Os primeiros passos da mulher na guerra</b>	5
2.1. A guerra dos homens	5
2.2. <i>Woman's angle</i>	8
2.3. Na linha de frente	12
<b>3. O olhar feminino diante da guerra Rússia-Ucrânia</b>	18
3.1. Terra arrasada	18
3.2. Subjetividades no jornalismo objetivo	23
3.3. O espaço identitário da mulher na cultura	26
<b>4. A correspondente de hoje nos conflitos do Oriente Médio</b>	31
4.1. A complexidade geopolítica do conflito Israel-Hamas	31
4.2. O simbolismo cultural e religioso da mulher na guerra	35
4.3. A linha de frente do combate à misoginia	38
<b>5. Considerações finais</b>	43
<b>6. Referências bibliográficas</b>	46
<b>7. Apêndice</b>	50
7.1. Apêndice A: Entrevista com Yasnyska Mariya	50
7.2. Apêndice B: Entrevista com Lurdes Baeta	56
7.3. Apêndice C: Entrevista com Paola De Orte	62

## 1. Introdução

Em outubro de 2024, enquanto policiais conduziam um acusado de crime para fora da viatura e rumo à Cidade da Polícia, no Rio de Janeiro, eu e outros repórteres cinematográficos registrávamos a cena. No entanto, a caminho da delegacia, o sujeito começou a me cantar, pedir meu número de celular e me olhar de forma constrangedora. Ele, com algemas nos pulsos, e eu, com uma câmera em mãos. Cercada por homens que trabalhavam como cinegrafistas para outras emissoras, tive a certeza de que as nossas perspectivas naquele momento não poderiam ser semelhantes.

Se o sexismo é um empecilho no meu fazer jornalístico, noto que uma barreira extra é acrescentada ao meu cotidiano profissional quando a pauta me leva a coberturas em que surgem situações tensas. Ao passar por isso, lembrei desta pesquisa, que já estava em andamento. Quais seriam as experiências das correspondentes de guerra? Será que elas também enfrentam desafios a mais por serem mulheres em meio a tantos homens em regiões de conflito? De que forma elas oportunizam o próprio gênero nesse tipo de produção jornalística? Essas serão as questões fundamentais que tentaremos responder neste trabalho de conclusão de curso.

O objetivo geral é compreender a perspectiva feminina na cobertura de guerra internacional. Para isso, analisarei as rupturas e as continuidades dos entraves para o gênero feminino no campo da comunicação de guerra no último século, identificarei desafios já superados e novos desafios que possam ter surgido. O estudo também será desenvolvido por meio de uma pesquisa de campo, com a utilização de entrevistas semiabertas com jornalistas.

Como representação simbólica do grupo ao qual pertencem, entrevistarei mulheres da área que tenham realizado a cobertura nas guerras de grande repercussão mais recentes. Buscarei jornalistas para além das norte-americanas, que figuram a abordagem representacional da maioria dos trabalhos acadêmicos relacionados ao tema. Com isso, a ideia é entender se há diferença entre o exercício da profissão no Ocidente e no Oriente, e em que circunstâncias ser mulher pode representar uma vantagem ou desvantagem na busca por informações.

O primeiro passo foi tentar compreender o que há no meio acadêmico a respeito do tema. A partir das palavras-chave jornalismo, guerra e mulher, encontrei nove artigos com títulos ligados aos termos no Google Acadêmico escritos nos últimos dez anos (entre 2014 e 2024) na língua portuguesa. A escolha da filtragem dos trabalhos acadêmicos objetivou a análise de materiais relevantes que abordassem as tendências atuais da sociedade, bem como guerras mais recentes. Três dos trabalhos encontrados citavam no título ou no subtítulo a jornalista Svetlana

Aleksievitch, escritora do livro *A guerra não tem rosto de mulher* (1983). A jornalista Martha Gellhorn, por sua vez, foi citada em três títulos e subtítulos encontrados na pesquisa.

Com isso, entende-se que mais da metade do material encontrado da última década a respeito das mulheres que cobrem guerra citam apenas duas mulheres, sendo Martha norte-americana nascida no século XX e Svetlana ucraniana nascida no mesmo século. As perspectivas de ambas, assim como suas jornadas enquanto jornalistas de guerra, merecem ser objeto de pesquisa mais aprofundada. Contudo, novos relatos precisam ser acrescentados à base acadêmica.

Para aprofundar o entendimento do que já foi produzido na língua portuguesa a respeito da temática, utilizei as palavras-chave mulher, gênero, cobertura e guerra no mesmo mecanismo de pesquisa do apanhado inicial. Encontrei 4 artigos publicados entre 2014 e 2024. A análise permitiu a compreensão de que, em sua maioria, trabalhos de jornalistas específicas foram analisados, tanto por meio do livro brasileiro “Correspondentes”, com um olhar voltado para o jornalismo literário, quanto pela perspectiva da fotojornalista Lynsey Addario. O filme “A Private War” também foi objeto de estudo em um dos artigos. Mas para além da visão ocidental e das experiências particulares de um contexto histórico e social, é preciso desvendar o que há de novo nas vivências das jornalistas de guerra das últimas décadas.

Considerando a lacuna do conhecimento, utiliza-se da nova pesquisa para buscar mais informações sobre a influência da perspectiva de gênero na cobertura de guerra. Torna-se necessário entender de que maneira o ponto de vista feminino foi colocado em prática pelas gerações passadas em guerras históricas, e quais são os novos olhares das correspondentes de hoje, bem como os desafios e as conquistas que carregam.

No segundo capítulo da pesquisa, iniciarei a abordagem com o objetivo político da guerra e os principais marcos da cobertura feita por homens. Os jornalistas pioneiros e os obstáculos enfrentados no fazer jornalístico serão mencionados. A partir dessa base, os primeiros passos da cobertura feminina serão analisados. Assim, poderão ser constatadas as diferenças de gênero no desenvolvimento profissional e de que maneira isso afetou os resultados das matérias. O *woman's angle*, termo popularizado na Primeira Guerra Mundial, será colocado em pauta, bem como sua influência nas oportunidades encontradas pela perspectiva das correspondentes.

As mulheres que conquistaram a atuação efetiva na linha de frente das zonas de conflito terão suas narrativas analisadas à luz de artigos acadêmicos sobre memória, testemunhos e gênero na sociedade. Os indivíduos mencionados visarão a pluralidade de vivências e nacionalidades, para que a perspectiva feminina não seja resumida a um único modo de ver o

mundo. A obra *A guerra não tem rosto de mulher* (1983) será agrupada ao material empírico da perspectiva das militares na guerra, por registrar testemunhos das profissionais que lutaram na Primeira Guerra em defesa da União Soviética.

Os desafios e as oportunidades da correspondente na guerra Rússia-Ucrânia será o principal assunto abordado no terceiro capítulo. O recorte representará os embates no Ocidente e seus aspectos sociais. Inicialmente, haverá a contextualização das decisões políticas que fomentaram a escalonada do conflito. Dados oficiais serão utilizados, como o número de mísseis que atingiram as cidades em guerra e a reincidência das sirenes que anunciam bombas iminentes na Ucrânia.

Além disso, também será estudada a devastação territorial ocasionada pelas bombas, as consequências para a população local e a chegada da imprensa na terra arrasada, conceito que também será mencionado. Uma entrevista com a enviada especial Lurdes Baeta será um recorte da memória coletiva da experiência feminina na cobertura. Ao longo do capítulo, suas percepções decorrentes do período de cobertura na Ucrânia serão atreladas à perspectiva de outra mulher jornalista: a ucraniana Yanyska Mariya.

A entrevista com uma local que tenha trabalhado diretamente com o jornalismo na guerra ajudará na compreensão dos impactos para as vítimas dos conflitos. O ponto de vista de alguém que presenciou as transformações do próprio país e a perda material das camadas mais ricas da sociedade poderá explicar os desdobramentos incalculáveis da guerra.

Em seguida, as subjetividades possíveis no jornalismo entrarão em cena. Lurdes indicará sua opinião a respeito da desigualdade de gênero na cobertura atual. Uma breve análise do seu trabalho em campo, por meio do ângulo que escolheu na sua abordagem cotidiana, servirá como parte do todo nas possibilidades das jornalistas. A função da profissão de um *fixer* será utilizada no relato do ingresso de Mariya ao cargo.

A contextualização cultural do papel da mulher ucraniana na sociedade será o ponto de partida para que a realidade das locais não seja simbolicamente apagada pela presença de correspondentes estrangeiras. Em território internacional, elas devem entender a história e as construções de sentido estabelecidas antes da chegada ao país, nas gerações que formaram o imaginário social do povo. Os relatos de Mariya trarão a representatividade necessária à observação da perspectiva das ucranianas.

O caminho escolhido para o quarto capítulo desta pesquisa partirá do conceito de orientalismo, fundamentado por Edward Said (1978). No estudo sobre a cobertura de guerra no Oriente Médio, será preciso escapar dos preconceitos ocidentais por meio de uma estratégia

humanista, visando o entendimento do Outro (população oriental) como ser semelhante. O recorte definido nesta abordagem será o conflito Israel-Hamas, devido às suas consequências geopolíticas e ao fato de que ele permanece no centro das discussões ocidentais sobre o Oriente.

Antes do estudo exclusivo do olhar feminino para a guerra, será preciso estabelecer o ponto de partida da disputa territorial que originou os conflitos. Dados oficiais dos mortos e feridos da Palestina e de Israel estabelecerão de que maneira o conflito foi iniciado pelo grupo terrorista Hamas em solo israelense e as reações do país direcionadas ao povo palestino.

Devido às diferenças sociais entre Brasil – nação da autora desta monografia – e as nações Israel e Palestina, será preciso compreender o contexto por meio de um ponto de vista abrangente. Paola De Orte, correspondente brasileira que vive em Israel desde 2021, responderá às principais dúvidas sobre as barreiras de gênero e os hábitos culturais israelenses. Paola abordará sua experiência enquanto jornalista no Oriente Médio, e avaliará se o fato de ser mulher interfere na sua vida profissional diária. As perguntas não objetivarão conclusões pré-definidas, e sim a opinião da correspondente, que partirá da bagagem de experiências na cobertura realizada.

Para que preconceitos voltados ao Oriente Médio não sejam incentivados por meio desta pesquisa, a fé do povo judaico e muçulmano integrará o capítulo como tópico de contextualização. Assim, será possível compreender de que forma a base religiosa de ambas as crenças foram corrompidas pela misoginia, e como a base das religiões não incentiva a discriminação. A relação entre a prática jornalística e as regras sociais de Israel será estabelecida por meio dos relatos de Paola De Orte.

Na reta final do trabalho, Paola abordará a reação dos brasileiros à sua cobertura no Brasil, e revelará as mudanças ou as continuidades no preconceito de gênero com as correspondentes. Nesse contexto, os movimentos das mulheres palestinas e israelenses serão colocados em pauta, bem como as prioridades do gênero diante das lutas coletivas de cada nação.

Nas considerações finais, novas abordagens para a complementação do tema serão indicadas pela autora.

## 2. Os primeiros passos da mulher na guerra

Quando homens e mulheres pegam em rifles e pisam no campo de batalha, a guerra supera os seus interesses próprios. Assim que o conflito é instaurado, os seres humanos retiram os títulos de cidadãos, e passam a ser soldados (Rousseau, 2006). A verdadeira luta é entre Estados, e aqueles que estão na linha de frente são apenas meios para que os objetivos sejam alcançados:

Como o objetivo da guerra consiste em destruir o Estado inimigo, tem-se o direito de matar os defensores enquanto estiverem com as armas na mão; mas tão logo as deponham e se rendam, cessam de ser inimigos ou instrumentos do inimigo, voltam a ser simplesmente homens, e não mais se dispõe de direito sobre suas vidas (Rousseau, 2006, p.20).

Durante as guerras, no entanto, os olhos do mundo não estão sobre os países, e sim sobre as pessoas: os vencedores, e o que conquistaram; os perdedores, e o que lhes foi tomado. E o jornalismo, para além de um meio rígido e impessoal de informar sobre os assuntos da atualidade, ganha diversas perspectivas por meio dos olhares pessoais de diferentes profissionais. “O objeto adquire uma progressiva configuração adequada à sua verdade na medida em que os pontos de observação e explicação se multiplicam: observadores que podem estar em tensão, contradição ou indiferentes entre si” (Canevacci, 1996, p. 42).

### 2.1. A guerra dos homens

Na maioria dos contextos históricos as guerras têm sido travadas por homens. São os homens que tomam as decisões políticas, são os homens que lideram as tropas do exército e são os homens que saem de suas casas e arriscam a própria vida – querendo ou não – em prol de uma causa. Os poderes concretos são designados ao patriarcado (Beauvoir, 2016) e as questões de grande importância também são remetidas a eles. Para Simone de Beauvoir, o gênero feminino foi classificado como uma sub-raça dentro da raça humana: “julgaram útil manter a mulher em estado de dependência; seus códigos estabeleceram-se contra ela; e assim foi o que ela se constituiu como Outro” (Beauvoir, 2016, p. 199).

No campo jornalístico, a cobertura de guerra foi liderada por jornalistas do sexo masculino. Os primeiros passos do que hoje chama-se correspondência jornalística foram dados pelo irlandês William Howard Russell (Knightley, 1978), enviado pelo jornal *The Times* de

Londres para cobrir a Guerra da Crimeia (1853-1856). O repórter, até então fora dos holofotes, passou 22 meses na abordagem do conflito entre o sul da Rússia e os Balcãs.

No mesmo período, o fotógrafo Roger Fenton foi enviado por uma editora de Manchester para cobrir a guerra. Sua missão era amenizar a brutalidade do cenário, bem como usar um olhar artístico para apaziguar a opinião pública a respeito do que já havia sido noticiado (Peixoto, 2020). Seus registros captam, principalmente, militares, embarcações e a visão erma de campos vazios. Enquanto isso, Russell buscava o máximo de fontes possível para a plena compreensão do que de fato ocorria. A parcialidade de um e a tentativa de imparcialidade do outro, para além de qualquer análise crítica, abriram as portas para novas gerações de muitos, e tempos depois, muitas correspondentes.

Como forma de garantir mais informações a respeito dos conflitos, editores de jornais contratavam suboficiais para o envio de cartas do front, mas a lacuna de conhecimento jornalístico dos militares e a alta seletividade no repasse das notícias enfraqueceram a ideia. A tentativa nasceu da criação de estratégias para driblar a censura, uma vez que na Guerra da Crimeia o jornal *Times* precisou conter os relatos dos correspondentes. A imprensa deveria assegurar o governo de que todas as notícias abordavam exclusivamente o passado (Silva, 2006).

O receio das organizações militares, ainda na cobertura da Guerra da Crimeia, era que informações internas fossem repassadas para tropas inimigas por meio dos jornais. Em 1895, no final da guerra, uma medida oficial marcou de uma vez por todas as decisões editoriais dos veículos jornalísticos:

(...) as autoridades inglesas emitiram uma ordem que proibia qualquer publicação de detalhes que poderiam ser importantes para o inimigo. Essa ordem também permitia que qualquer correspondente que infringisse essa regra fosse punido e, dessa forma, ameaçava os futuros transgressores com a mesma punição (Peixoto, 2020, p. 18).

É comum que jornalistas aprendam a buscar certa isenção quando apuram e produzem uma matéria. O Princípio II do Código Internacional de Ética do Jornalista, aprovado em 1983 por uniões de comunicadores de diferentes continentes, declara a “Dedicação do Jornalista à Verdade Objetiva” (Fenaj, 2014)<sup>1</sup>. Essa máxima, já enraizada antes da criação de códigos, não agradou aos soldados da Primeira Guerra Mundial, mais de 60 anos depois da primeira

---

<sup>1</sup> Disponível em: [https://fenaj.org.br/wpcontent/uploads/2014/06/02codigo\\_de\\_etica\\_internacional\\_dos\\_jornalistas.doc](https://fenaj.org.br/wpcontent/uploads/2014/06/02codigo_de_etica_internacional_dos_jornalistas.doc). Acesso em: 30 de setembro de 2024.

cobertura de guerra registrada. A hostilidade e a vigilância para com o trabalho de quem produzia as notícias limitaram a gama de material jornalístico. A ameaça e a morte dos profissionais que se arriscaram em prol da imparcialidade dos fatos acabaram marcando a censura do período. A liberdade criativa dos comunicadores era cerceada, como aponta Ana Carolina Peixoto.

Em alguns países, só era possível que o jornalista publicasse o que os militares escreviam. Na Inglaterra, por exemplo, havia o Press Bureau, que era um órgão que revia os documentos militares antes de entregar aos jornalistas. Porém, por vezes, essas informações acabavam sendo ultrapassadas, já conhecidas pelo público através dos noticiários de outros países ou não tinham relevância alguma para o público (Peixoto, 2020, p.20).

O legado de tolhimento jornalístico permeou a Primeira Guerra. Marco Aurélio Moretti define o período histórico como o grande vencedor na categoria mentiras deliberadas. Pautas sobre a vida nas trincheiras eram escritas em detrimento daquelas que os correspondentes realmente queriam escrever: os massacres nem sequer apareciam nos jornais, e as propagandas do governo ganhavam destaque nas páginas. Veículos como o jornal *Le Petit Journal* e a agência Havas alcançavam o mundo todo, mas as notícias eram enviesadas e incompletas. Ao passo que a correspondência de guerra ganhava espaço, seu modo limitado de realização ainda não permitia que o trabalho do jornalista fosse realizado com fluidez (Moretti, 2004).

A Guerra do Vietnã, na segunda metade do século XX, simboliza a ampliação da liberdade jornalística na cobertura de conflitos. Ainda assim, os interesses próprios da imprensa norte-americana incentivavam notícias de apoio à guerra, o que pressionava os comunicadores. Apesar disso, a cobertura de guerra por meio da televisão era recente, e nem sempre o conteúdo repassado para a audiência refletia aquilo que os veículos de comunicação objetivavam que fosse subentendido: censura e perseguição, problemas que antes impediam plenamente o exercício da profissão, não mais cerceavam o todo do fazer jornalístico.

A imprensa norte-americana era a favor da guerra e seu discurso refletia isso. Na luta pelo simbólico, os meios de comunicação dos Estados Unidos estavam ao lado de seu governo. No entanto, a inexperiência na utilização da produção televisiva numa cobertura de guerra diária ficava em evidência, ou seja, o conjunto de imagens/sons/movimentos ultrapassava, em muito, os desejos das emissoras (e do governo norte-americano), abrindo “espaços” para a sua contestação (Biagi, 2007, p. 103).

O *modus operandi* da cobertura da Guerra do Vietnã se deu com base nas reações do público: a partir do momento em que os conflitos escaparam do senso comum aos olhos da sociedade, a imprensa passou a questionar a guerra. Durante outros conflitos, aquilo que o

mundo acompanhava por meio da mídia nem sempre expressava o que de fato acontecia. Com o avanço da tecnologia, a guerra descrita na TV precisou ser reproduzida com mais fidelidade e complexidade. Assim, militares rígidos não mais eram aqueles que guiavam as notícias e a perspectiva dos correspondentes, e sim os olhos e os ouvidos atentos de cidadãos comuns.

Isto significa que os limites destas esferas se movimentam de acordo com os acontecimentos políticos, reagindo a mudanças sociais. Como e porque uma posição varia de uma esfera para outra na cobertura jornalística depende não só de como o jornalista noticia, mas também de como tal posição ou tais atores são vistos na sociedade (dimensão extramidiática) (Biagi, 2007, p. 170).

## 2.2. *Woman's angle*

Nos dez anos que antecederam a Primeira Guerra Mundial, mulheres de todo o mundo avançaram na conquista de direitos básicos, como o acesso à educação superior, o sufrágio e mais autonomia legal. Com a avalanche de novas possibilidades para a população feminina, a luta pelo protagonismo profissional, que incluía o jornalismo, era apenas questão de tempo. A industrialização do período favoreceu o pioneirismo do gênero, e o jornalismo “não seria capaz de impedir a entrada maciça das mulheres ao longo do século XX” (Silveirinha, 2012, p. 179). E a hora havia chegado: a partir de 1914, as correspondentes abriram portas e participaram da cobertura da Grande Guerra (Knightley, 1978).

A cobertura de guerra, bem como a cobertura jornalística nos dias de paz, de acordo com Heloísa Souza dos Santos, deve ser feita *in loco*. Por isso, as correspondentes conheciam a máxima: “é necessário estar perto de um acontecimento quando ele se dá.” (Santos, 2015, p. 253.) No entanto, os campos de batalha eram alvo quase exclusivo da presença masculina, e a aparição de mulheres era motivo de apreensão. Enquanto criaturas frágeis, segundo os militares, era perigoso que elas estivessem tão perto dos conflitos. Assim, uma adaptação às circunstâncias possibilitou que elas encontrassem novas formas de relatar as guerras.

A falta de acesso aos locais nos quais todos os combates se desenrolavam fez com que a maior parte das jornalistas tenha buscado escrever histórias sobre refugiados, civis, miséria e outras consequências da guerra. Esses pontos de vista ficaram conhecidos como “ângulo feminino” (tradução livre da expressão inglesa *woman's angle*) (Santos, 2015, p. 255).

Em sua pesquisa, Ana Cristina Osorio afirma que a expressão *woman's angle*, na visão masculina, era mais uma prova de que as mulheres não seriam capazes de um ponto de vista visceral e corajoso. Outro trabalho que trata do tema destaca que, para muitos homens da época,

o gênero feminino era empático e sensível demais para lidar com mortes, sangue e violência. Os mesmos que cerceavam a ocupação feminina nos fronts desdenhavam da criação de novas perspectivas em meio à guerra. Dessa forma, a construção simbólica do jeito certo de se realizar a objetivação no jornalismo transformou as diferenças em desigualdades (Silva; Moraes, 2018). A limitação das jornalistas, no fim das contas, possibilitou que as consequências indiretas dos confrontos fossem vistas de forma diferente.

Assim, entender como mulheres correspondentes de guerra puderam apresentar para o mundo materiais interessantes sobre as guerras do século XX, mesmo sem permissões para entrar em alguns lugares ou malvistas no ambiente onde estavam, pode ser um exercício de ver a guerra por outro ângulo (Santos, 2015, p. 254).

A fotografia foi um meio de cobrir conflitos sem que a discriminação interrompesse a divulgação do material jornalístico: as profissionais Peggy Hull e Margaret Bourke-White aplicavam estratégias como a omissão do primeiro nome no envio das fotos e até mesmo o envio anônimo dos negativos para os veículos nos quais trabalhavam. “O impacto visual das fotos muitas vezes chama mais atenção do que o nome da fotógrafa, e isso, no início do século XX ou mesmo hoje, pode ser uma vantagem para quem teme ser discriminada por sexismo ou qualquer outro fator” (Santos, 2015, p. 252).

A estadunidense Bourke-White foi a primeira fotojornalista credenciada para cobrir a Segunda Guerra. Em meio às dificuldades que enfrentava, ela fotografava as pessoas que viviam as consequências do período para a revista *Life*. Anos depois, ao falar sobre a cobertura de guerra, Margaret declarou que dissociava das atrocidades presenciadas, e sua principal missão era expor a realidade daquele contexto para o mundo. Ao captar as imagens dos campos de extermínio, ela visualizava um véu sobre a própria mente.

Eu acredito que muitos correspondentes trabalharam com o mesmo auto-imposto estupor. Ou se faz isso ou é impossível aguentar. Coisas difíceis como essas podem ser denunciadas e fotografadas, é algo que um correspondente de guerra deve fazer. Nós estamos em uma posição privilegiada e às vezes infeliz. Nós vemos grandes coisas do mundo. Nossa obrigação é passar isso adiante para outras pessoas (Bourke-White, 1963, p. 259-260).

Também pioneira na sua área de trabalho, a jornalista e escritora Martha Gellhorn, nascida nos Estados Unidos, é considerada a maior correspondente de guerra do século XX. Sua carreira, de 1930 a 1980, uma das mais longevas entre os profissionais da área, possibilitou a cobertura de diferentes conflitos ao longo da história, dentre eles: a Guerra Civil Espanhola, a Segunda Guerra Mundial, a guerra em Java e a Guerra dos Seis Dias entre árabes e israelenses

(Osorio, 2018). No livro *A Face da Guerra*, Martha detalha que, na Segunda Guerra, já com certo renome no meio jornalístico, ainda se sentia discriminada por parte dos soldados.

Os militares não permitiram que ela atuasse no front, e sim que cobrisse temas considerados mais delicados, socialmente vistos como pontos de vista femininos, uma distorção do *women's angle*. Anos mais tarde, em sua obra, ela criticou a atitude dos combatentes. “Os oficiais de relações públicas do exército americano, os patrões da imprensa americana, eram um bando de dogmáticos que faziam objeção à presença de uma correspondente mulher junto às tropas de combate” (Gellhorn, 2009, p.106).

A categoria Mulher não segue um caminho preestabelecido pela sociedade. Isso indica que as decisões femininas, bem como a perspectiva de gênero, podem seguir direções distintas, a partir das múltiplas relações socioeconômicas e culturais das mulheres (Miguel; De Azevedo, 2024). Martha Gellhorn, que antes dos 19 anos já havia iniciado a graduação, reconhecia os privilégios de sua realidade. Seus princípios antifascistas levaram-na a buscar a melhor maneira de repassar para o mundo aquilo que presenciava. Ela ficou conhecida pelo uso de parênteses, com a intenção de “acrescentar informações de cunho social e político e melhor contextualizar a guerra” (David, 2014, p. 54).

Em meio à dificuldade de acesso às principais batalhas, cujo credenciamento só lhe foi garantido no final da Segunda Guerra, Gellhorn captou o máximo que pôde de relatos e notícias acerca dos conflitos. Para que o horror daquilo que seus olhos captavam não perdesse o impacto para o público, ela “escrevia muito rápido, era necessário. Tinha medo de esquecer o som exato, o cheiro, as palavras e os gestos ligados ao momento e ao local” (Gellhorn, 2009, p. 381). Em seu livro, a jornalista conta que, embora relembrasse com clareza eventos marcantes do período, não conseguia trazer à memória as sensações e os sentimentos que perpassavam seu corpo e mente no campo de batalha, porque na época vivia como um gravador ambulante, inviabilizando que o horror da guerra afetasse sua produtividade.

(...) senti-me paralisada por emoções conflitantes: um sentido de dever particular, uma sensação pública de asco e o desejo de esquecer tudo e me juntar àqueles que estavam sofrendo com a guerra. É extremamente difícil ficar sentada do lado de fora e assistir a eventos que não se pode alterar ou evitar. É muito mais fácil fechar os olhos, a mente e se jogar bem no meio da angústia geral (Gellhorn, 2009, p. 105).

Na geração seguinte, a primeira correspondente a receber um Pulitzer, prêmio outorgado aos melhores trabalhos jornalísticos dos Estados Unidos, tinha sua existência diretamente relacionada à Primeira Guerra. Os pais de Marguerite Higgins se conheceram em um abrigo antibombas na França, ambos idealistas e confiantes que aquela seria a primeira e a última

guerra que afetaria todo o planeta (Osorio, 2018). Dois anos após o fim dos conflitos, em 1920, nasceu a jornalista, que seria uma das pioneiras na cobertura de guerras. Sua infância foi marcada pelo preconceito de vizinhos e colegas de escola, que julgavam o comportamento ativista da família. Tal característica, no entanto, impulsionaria a repórter a buscar furos de reportagem e a rejeitar tratamentos desiguais por ser mulher.

Credenciada para trabalhar na Segunda Guerra, em 1945, Marguerite foi designada a realizar pautas casuais, como “o domingo mais quente em três anos”, e prontamente recusou a ideia de se manter distante do campo de batalha (Kneer, 2019). O desejo de estar na linha de frente motivou a jornalista a participar do voo da Força Aérea que sobrevoaria o Reno. Sua coragem permitiu que seu nome aparecesse em duas matérias de capa no jornal em que trabalhava: ela testemunhou a captura do campo de concentração de Dachau, na Alemanha, pelo exército norte-americano. Uma vez que apenas outro jornalista havia presenciado o cenário, sua matéria denunciou com certa exclusividade “os fornos especialmente construídos onde os nazistas queimavam os corpos das vítimas dos campos de concentração que tinham sido torturadas até a morte ou que tinham morrido de fome e doença.” (Kneer, 2019, p. 8, tradução nossa)<sup>2</sup>.

Cerca de cinco anos depois, Marguerite Higgins foi encarregada de cobrir a Guerra da Coreia. Assim que chegou ao local, foi informada por um oficial que mulheres não poderiam realizar a cobertura dos combates. A repórter entrou em contato com um general conhecido e conseguiu revogar a determinação, e assim jornalistas como ela puderam ocupar o espaço. Sua determinação resultou no Pulitzer na categoria Internacional em 1951. Naquele ano, seis profissionais foram premiados, e Marguerite foi aclamada pelas excelentes matérias, feitas na condição de ser mulher e trabalhar sob maiores riscos (Osorio, 2018).

O ângulo feminino de Higgins, que agiu de forma destemida ao longo de sua carreira, não necessariamente é simétrico à atuação jornalística da mulher como um todo. A realização de trabalhos fundamentados nos princípios e nas vivências de jornalistas culminou na pluralidade do *woman's angle* no pioneirismo de guerra: “Para que a perspectiva de gênero possa fazer sentido, é preciso que profissionais da comunicação questionem o porquê de uma cobertura ser feita sob determinado viés e não de outro” (Miguel; De Azevedo, 2024, p. 133).

---

<sup>2</sup> No original: “*The specially built ovens where the Nazis burned the bodies of the concentration camp victims who had been tortured to death or had died of starvation and disease*”.

### 2.3. Na linha de frente

A Guerra Civil Espanhola (1936 - 1939) foi a primeira a ser sistematicamente fotografada (Freitas, 2018). Dentre as fotografias que simbolizaram os conflitos em jornais e revistas, muitas pertenciam à Gerda Taro, que viria a mudar a forma como fotógrafas eram vistas na linha de frente. Sua história não realça momentos de perseguição misógina, e sim o impulso de uma jornalista com faro para a notícia, e com um olhar que reforçava o papel feminino na guerra. Taro, judia nascida em 1910, fugiu para a França assim que Hitler assumiu o poder. Com o início da Guerra Civil na Espanha, foi para lá com seu marido, Robert Capa, também fotógrafo. Ambos enviariam seus negativos para periódicos como *Regards* e *Vu*.

O trabalho de Gerda em solo espanhol foi marcado pelo horror explícito. A morte registrada de maneira cotidiana por meio de técnicas fotográficas que aproximavam o público do ambiente de guerra eram reflexo da insatisfação da profissional com o contexto que testemunhava. Longe de esconder as consequências diretas da violência e de buscar maneiras singelas de representar a realidade, ela registrava e denunciava aquilo que feria sua visão de mundo:

Esse descontentamento com a máquina de guerra moderna teria sido responsável pela substituição de um certo otimismo revolucionário, que acreditava na vitória e repleto de poses sorridentes, por imagens de feridos, de destruição, de combate e de angústia, fazendo com que se aproximasse cada vez mais do front de batalha (Freitas, 2018, p. 165).

Taro também ficou conhecida por ressaltar o protagonismo feminino nos fronts. Seu modo de fotografar militares armados em trincheiras e em posição de autoridade “rompeu de certa maneira, com a barreira de gênero e os estereótipos que enquadravam as mulheres como frágeis, passivas e incapazes de guerrear” (Da Silva; Lombardi, 2018, p. 9). Os alvos femininos das lentes de Gerda não viviam a guerra passivamente, e sim atuavam na linha de frente. Não esperavam seus maridos na segurança de seus lares, mas vestiam seus uniformes e inseriam balas em cartuchos para rifles, que mais tarde seriam usados por elas mesmas (Freitas, 2018).

A trajetória profissional de Gerda Taro foi encerrada antes do fim da Guerra Espanhola. Durante a Batalha de Brunete, que registrava sozinha, a profissional arriscou a própria vida e acompanhou os bombardeamentos que atingiam a região. Ao retornar do conflito, de carona com os soldados do tanque republicano, ela foi derrubada pelo carro e esmagada (Da Silva; Lombardi, 2018). Apesar da partida trágica e precoce, aos 27 anos, a fotógrafa morreu não por ser mulher, e sim por um acidente. A jornada de Taro aponta que a presença feminina no campo

de batalha já apresentava bons resultados na primeira metade do século XX. Os riscos aos quais a fotógrafa se submetia também instigaram outros fotógrafos ao longo da história. Seu corpo, para além do Feminino, padeceu em prol da notícia:

Esse "defrontar-se com" é uma das modalidades que define o corpo. E, no entanto, essa alteridade invasiva com a qual o corpo se depara pode ser, e com frequência é, o que anima a reação a esse mundo. Essa reação pode incluir um amplo espectro de emoções, prazer, raiva, sofrimento, esperança, para citar apenas algumas. (Butler, 2015, p. 58)

Por meio do jornalismo, para além da cobertura de conflitos feita pelas correspondentes, é possível realizar o resgate histórico da participação feminina em guerras. Durante a Segunda Guerra Mundial, cerca de um milhão de mulheres lutaram nas fileiras do Exército Vermelho, que integrava militares da União Soviética e da Rússia. A participação das militares, no entanto, não foi mencionada em grande parte dos livros de história. "A memória não é a história, a memória não é o vivido. A memória é o meio pelo qual nos relacionamos com o passado. Eis que o passado não existe. (...) Só se expressa se houver uma forma de relato." (Perazzo, 2015, p.128). A perspectiva de gênero das franco-atiradoras, motoristas de tanques e enfermeiras, dentre outras profissionais, foi compilada no livro *A guerra não tem rosto de mulher* (1983), da jornalista ucraniana Svetlana Alexandrovna Aleksiévitch, nascida três anos após o fim da guerra, em 1945. Sua obra, que reuniu as testemunhas ativas dos conflitos, venceu o Prêmio Nobel de Literatura em 2015.

A infância de Svetlana foi envolta pela guerra. Filha da Vitória<sup>3</sup>, a população de Stanislav, na Ucrânia, mencionava as batalhas com frequência. O patriotismo permeava até mesmo as crianças, que sonhavam em um dia defender o país como os familiares e conhecidos – muitos deles já mortos – puderam fazer. No entanto, a jornalista percebeu desde cedo que a guerra era apenas escrita por homens, e sobre outros homens. Ela, então, constatou que, no espaço que ocupava, eram todos "prisioneiros de representações e sensações 'masculinas' da guerra. Das palavras 'masculinas'. Já as mulheres estavam caladas" (Aleksiévitch, 1983, p. 12). Tal observação permaneceu até a vida adulta da escritora, que a partir da década de 70 começou a registrar os testemunhos das ucranianas. Notou, então, que um mundo de perspectiva havia sido descoberto:

Quando as mulheres falam, não aparece nunca, ou quase nunca, aquilo que estamos acostumados a ler e escutar: como umas pessoas heroicamente mataram outras e

---

<sup>3</sup> No livro *A guerra não tem rosto de mulher*, a autora explica que sua terra natal ficou conhecida como Filha da Vitória após resultados positivos na Primeira Guerra Mundial.

venceram. Ou perderam. (...) Os relatos femininos são outros e falam de outras coisas. A guerra "feminina" tem suas próprias cores, cheiros, sua iluminação e seu espaço sentimental. Suas próprias palavras. Nela, não há heróis nem façanhas incríveis, há apenas pessoas ocupadas com uma tarefa desumanamente humana (Aleksiévitch, 1983, p. 12).

Para Joëlle Rochou, a História Oral reúne as perspectivas e as experiências de crianças, homens e mulheres. O conteúdo dos jornais e noticiários acerca de um bombardeio, portanto, não é mais relevante que as vozes dos sujeitos que vivenciaram aquilo. Ouvir as narrativas do Outro pode ajudar a construir a identidade de uma guerra. Os recortes de testemunhos compõem o todo (Rochou, 2003). O agrupamento das entrevistas realizadas por Svetlana aproxima os leitores das vivências femininas na Segunda Guerra. A pesquisa qualitativa da jornalista, que buscou diferentes profissionais da linha de frente e da retaguarda, abre espaço para o diálogo entre o particular e o coletivo. Testemunhos individualmente pungentes, quando reunidos, fornecem um retrato complexo da realidade (Marchetto, 2018).

Dentre os depoimentos da obra, Aleksiévitch narra uma história que reforça a luta feminina pela participação na guerra. Durante os conflitos, o povoado Diákovskoie, que hoje é situado em Moscou, na Rússia, tinha cada vez menos homens. Enquanto eles lutavam, as mulheres torciam e acreditavam que a guerra seria breve. Quatro jovens amigas, por outro lado, desejavam fazer parte da vitória, e para isso entraram no curso de alistamento e aprenderam a atirar com metralhadora e a utilizar granadas. Como o vilarejo precisava de mão de obra no campo, em substituição aos trabalhadores que se tornaram soldados, o presidente do Comitê Central do Komsomol da Juventude recusou o envio das meninas, que ainda não haviam completado dezoito anos, ao front.

Após tentativas insistentes, elas juntaram relatos de como desejavam vingar a morte dos entes queridos e impedir que Hitler invadisse Moscou. Após também comprovarem que sabiam atirar, foram levadas para o centro de alistamento: agora seriam franco-atiradoras. Segundo a cabo Maria Ivánovna, as mulheres impressionaram o coronel com as habilidades de camuflagem no campo de batalha, que superaram as técnicas dos outros soldados. Ao relembrar a experiência na guerra, ela não escondeu momentos de maior vulnerabilidade, como quando matou uma pessoa pela primeira vez:

Decidi, e de repente cruzou pela minha cabeça um pensamento: mas é uma pessoa; mesmo sendo inimigo, é uma pessoa, e minhas mãos começaram a tremer um pouco, um arrepio passou por todo o corpo, um calafrio. E, dentro de mim, algo resistia... Algo não deixava, eu não conseguia me decidir. (...) Mas retomei o controle e apertei o gatilho... Era preciso me acostumar a essa ideia. (...) Numa palavra, um horror! Não dá para esquecer. (...) Isso não era coisa de mulher: odiar e matar. Não era nosso... Era

preciso se convencer. Se persuadir... (Aleksiévitch, 1983, p. 51-52).

O papel do jornalista que registra relatos sobre a guerra é não ser refém das intenções do narrador, e isso pode ser alcançado por meio da interpretação da cultura e do imaginário dos indivíduos, e do entendimento de que o entrevistado narra apenas aquilo que deseja (Perazzo, 2015). Para Svetlana, quem conta o que aconteceu na guerra décadas antes carrega o agora no relato: durante a composição do livro, ela ouvia as narrativas atenta à dualidade entre presente e passado nos testemunhos. Ao longo das entrevistas, a jornalista colocou as narradoras na posição de criadoras e personagens fundamentais à Segunda Guerra, embora ciente de que o olhar isolado para o passado não seria fácil.

É impossível chegar muito perto da realidade, cara a cara. Entre a realidade e nós existem os nossos sentimentos. Entendo que estou lidando com versões, cada um tem a sua, e delas, do volume e do cruzamento delas, nasce a imagem do tempo e das pessoas que vivem nele (Aleksiévitch, 1983, p. 18).

A Guerra do Vietnã (1955 - 1975), anteriormente mencionada, não só representou maior abertura para os correspondentes, como também para as mulheres responsáveis pela cobertura. O conflito foi marcado pela divisão entre Vietnã do Sul, apoiado por países como Estados Unidos, Austrália e Coreia do Sul, e o Vietnã do Norte, que recebia o apoio da União Soviética, da China e de países socialistas. Nesse contexto, a perspectiva de repórteres internacionais, rompendo a tendência de notícias majoritariamente norte-americanas, foi fundamental para que a guerra fosse alvo de uma opinião pública mais pluralizada (Zaretsky, 2010).

Kate Webb, repórter nascida na Nova Zelândia em 1943, teve a carreira transformada por meio da cobertura que realizou no Vietnã. Ela, bem como seus colegas de profissão, enfrentara desafios diferentes de outras guerras da época: o front não era bem delimitado, o que intensificava o perigo do contexto, e não havia grandes distinções físicas entre os soldados do Sul e do Norte, além da rara utilização de uniformes. Cerca de 700 correspondentes estiveram no país dividido, e 63 deles foram dados como mortos ou desaparecidos (Liohn, 2016). A aparição constante dos vietcongues, guerrilheiros comunistas em oposição ao Sul, fez com que a imprensa saísse da mera análise imparcial dos eventos, uma vez que os soldados agiam com violência diante da presença midiática. “Não se pode dizer que os jornalistas tinham seu status de observadores neutros reconhecido quando caíam nas mãos dos combatentes do norte” (Liohn, 2016, p. 53).

A correspondente Webb escrevia para o jornal *United Press International*, cujas edições

eram enviadas globalmente. Seu amplo conhecimento a respeito da história do sudeste asiático marcou as matérias, lidas pelo mundo todo. Em 1971, quando já completava quatro anos na cobertura da guerra, Kate e seu guia local foram capturados por vietcongues nos arredores do Camboja, país que faz fronteira com o Vietnã. Ambos foram sequestrados, e passaram 23 dias em cativeiro (Zaretsky, 2010). Durante o período, um corpo foi erroneamente identificado como o da jornalista, e a notícia de sua morte se espalhou. Apesar da experiência, ela afirmou aos colegas que havia decidido pelo uso contínuo da imparcialidade em seus trabalhos: “Eu ainda não me inclinei para nenhum dos lados nesta guerra. Minha reação é feminina: isso tudo é muito triste, que terrível, imenso, estrago” (Hoffmann, 2008, p. 235, tradução nossa)<sup>4</sup>.

Outra correspondente simbólica da Guerra do Vietnã foi a norte-americana Ethel Payne, conhecida como a “Primeira Dama da imprensa negra”. Em 1966, quando trabalhava como colunista no *The Chicago Defender*, jornal dedicado ao povo negro dos Estados Unidos, foi chamada para investigar a possível discriminação provocada contra soldados negros norte-americanos na linha de frente. Sua trajetória na cobertura da luta racial foi usada como bagagem para o novo desafio, e, segunda ela, seu envio se deu por ser “a melhor escritora que o jornal tinha” (Zaretsky, 2010, p. 750).

Após um período de apuração no território de guerra, Payne lamentou a ausência de documentos oficiais que registrassem a presença e o desempenho dos militares negros. A jornalista constatou que correspondentes pretos já haviam solicitado esse tipo de material, mas sem sucesso. Assim, a análise de dados estatísticos que representassem a porcentagem de pessoas negras nos fronts não seria possível. A partir das informações que tinha, a repórter firmou dois objetivos (Eldridge, 2012, p 9): explicar aos leitores negros o porquê do envolvimento da população racializada nos conflitos do Vietnã e detalhar o papel dos soldados negros no campo de batalha.

Apesar do pioneirismo na cobertura feminina de conflitos por meio da perspectiva racial, Ethel Payne carregava consigo o arrependimento de não ter contestado a legitimidade da Guerra nas suas matérias, principalmente após conviver com militares que relatavam a imoralidade dos confrontos e dos meios para que a vitória fosse alcançada. O pesquisador Allen Eldridge explica que o jornal ao qual a jornalista reportava apresentava motivos para a restrição de comentários negativos quanto à guerra, o que pode ter limitado o discurso da correspondente.

---

<sup>4</sup> No original: “*I have not yet inclined to either side in this war. My reaction is feminine: it is all very sad, what a terrible, immense wreck*”.

Parte desta restrição (...) pode ter sido influenciada pela discrição editorial típica de alguns jornais negros, incluindo o *Chicago Defender*, de Payne, uma vez que a transparência poderia representar uma crítica à política de Lyndon Johnson para o Vietnã, mesmo quando ele defendia programas de direitos civis positivos para os afro-americanos (Eldridge, 2012, p.9-10, tradução nossa)<sup>5</sup>.

Tanto Ethel quanto Kate Webb evidenciaram o fazer jornalístico das mulheres na linha de frente para além do protagonismo de profissionais brancas, europeias ou norte-americanas. A possibilidade da cobertura de conflitos por meio do olhar feminino multicultural foi um marco significativo da Guerra do Vietnã. O avanço da representatividade feminina na forma de diferentes perspectivas étnicas corrobora para a “fecundação dispersiva” (Canevacci, 1996) de novas formas de enxergar o mundo:

Enfim a diáspora — de dolorosa e infinita alienação que, desde o início da modernidade, obrigou milhões de seres humanos a se tornarem alheios em sua própria terra como para os nativos, alheios em terra desconhecida como para os africanos, alheios em terra de emigração como para os europeus e japoneses — agora oferece um cenário produtivo em que tudo pode ser contaminado, deglutiido, entrelaçado. Essa rica desordem pode romper o domínio cultural daquela mesma modernidade, ir além de sua ordem monológica (Canevacci, 1996, p. 8).

---

<sup>5</sup> No original: “*Some of this restraint (...) may have been influenced by the editorial moderation that was typical of some black newspapers, including Payne's own Chicago Defender, when complete candor might have meant criticizing Lyndon Johnson's Vietnam policy even as he championed civil rights programs beneficial to African Americans*”.

### 3. O olhar feminino dia da guerra Rússia-Ucrânia

A civilização ocidental pode ser dividida em sete pilares: mito, místico, filosofia, ciência, economia, ética e cultura (Baggio, 2004). O último é “o mais poderoso instrumento de adaptação do ser humano ao seu meio ambiente, metido que está nas condições históricas em que vive” (Baggio, 2004, p. 79). O jornalista, portanto, deve analisar os aspectos culturais dos Estados em guerra, a fim de compreender aquilo que é essencial para os povos. Após o desfecho dos conflitos, os correspondentes voltam para o conforto das suas terras e redações jornalísticas. Imergir na cultura de um povo durante a guerra é sobre pensar em quem fica. Em quem perde o emprego, os monumentos históricos e as pracinhas do bairro. As vivências são mais importantes do que os dados e as datas (Rouchou, 2003).

Com o avanço da ocupação feminina na cobertura dos fronts, elas descobrem durante a apuração jornalística os desafios e as oportunidades de diferentes nações em confronto no Ocidente. Para as mulheres, a missão de respeitar as culturas encontra o desafio extra da desigualdade de gênero, comum no imaginário social de tantos países. Ora se deparam com similaridades culturais entre o país de origem e o de conflito, ora com novas tensões e preconceitos, dado que “cada sociedade emprega seus conceitos de comportamentos adequados às mulheres” (Pedro; Guedes, 2010, p. 4).

#### 3.1. Terra arrasada

No dia 24 de fevereiro de 2022, o presidente russo Vladimir Putin instaurou uma operação militar especial na Ucrânia, com o propósito de “desnazificar” o país. A decisão partiu da “cosmovisão nacional russa a respeito do que representa esse país para sua própria nacionalidade” (Carmona, 2022, p. 92). Para isso, tropas russas invadiram o território vizinho. Assim foi iniciada uma nova fase da Guerra na Ucrânia, que já acontecia em menor escala desde 2014, quando a Rússia anexou a Crimeia, ação que antecedeu os protestos do povo ucraniano. O ponto de partida da transposição militar no território estrangeiro foi a tomada da capital Kiev.

O pesquisador brasileiro Renaldo Carmona aponta que a estratégia teve o objetivo de dividir as tropas ucranianas. Em seu artigo “A guerra na Ucrânia: uma análise geopolítica” (2022), escrito nos seis primeiros meses da guerra, Carmona relatou a dificuldade russa ao ocupar o país, uma vez que a Ucrânia é urbanizada, com prédios residenciais, instalações civis e pessoas por todos os lados. Para ele, a Rússia não partiria para ações violentas, já que almejava a conquista do povo ucraniano: “A narrativa russa, de irmãos de sangue, não permite uma ação

militar de ‘terra arrasada’, que implicaria baixas civis extremamente volumosas” (Carmona, 2022, p. 94).

No entanto, essa foi a tática adotada pelas tropas russas, que bombardearam grandes cidades ucranianas, como a capital Kiev, Mariupol, Kharkiv e Lviv. Entre fevereiro e maio de 2022, mais de 2000 mísseis foram disparados contra a Ucrânia, de 4 a 12 mísseis por vez (Machado; Da Silva, 2024). A imprensa internacional, atenta à escalada do conflito Rússia-Ucrânia, selecionou jornalistas para a cobertura da guerra. A CNN de Portugal enviou a âncora Lurdes Baeta, de 53 anos de idade, 30 de carreira. Em entrevista<sup>6</sup> para esta pesquisa, a profissional descreve sua experiência durante o período em que cobriu a conflagração. O investimento da imprensa no envio de correspondentes às zonas de conflito é viável por diferentes motivos:

Apesar da complexidade de enviar um jornalista para uma cobertura à distância, os principais veículos de comunicação apostam em mandar os correspondentes e enviados especiais para que eles possam vivenciar o que acontece em outros países e, portanto, relatar a notícia da forma mais verídica possível. Esses tipos de cobertura dão visibilidade, tanto ao jornal quanto ao jornalista, e credibilidade à informação (Costa, 2014, p. 19).

O convite para a cobertura surgiu uma semana antes da ida de Baeta à Ucrânia. Casada e mãe de três jovens, não pensou duas vezes em aceitar ser uma das enviadas especiais do seu país: “Nem sequer considerei dizer que não, só depois avisei ao meu marido. Claro que eu queria saber o que é que se estava a passar lá com os meus olhos, que é isso que os jornalistas querem fazer. E contar a história que eu pudesse ver em primeira mão” (Baeta, 2024)<sup>7</sup>.

A dificuldade de chegar ao local dos conflitos tornou a jornada cansativa. Antes de pisar em solo ucraniano, ela pegou um avião, viajou de carro por três horas e entrou na Polônia, que faz fronteira com Lviv. Depois, fez uma viagem de comboio por 14 horas, rumo à Kiev. Lá, o cenário era diferente daquele comum ao cotidiano do país. Estruturas de cimento e postos de verificação dificultavam o acesso à cidade. A jornalista detalha as suas percepções iniciais ao entrar no país, na companhia de um guia local e do repórter cinematográfico Miguel Bretiano:

O nosso trabalho a seguir era ir mais além. Era avançar para as cidades perto de Kiev, Bucha. Mas foi aquele período em que primeiro não se sabia se ainda havia ou não militares russos à volta de Kiev, era uma situação muito arriscada e imponderável, e não sabíamos exatamente o que é que estava a acontecer. E nenhum de nós tinha muito medo. Ou seja, nós tentávamos sempre mais um bocadinho, avançar mais um bocadinho e tentar falar com eles para ver se conseguíamos passar. Estava tudo

<sup>6</sup> A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B desta monografia.

<sup>7</sup> Entrevista concedida à autora. On-line. Rio de Janeiro, 23 de setembro de 2024.

fechado. Era uma cidade fantasma (Baeta, 2024)<sup>8</sup>.

Ainda que a Rússia intencione a anexação da Ucrânia ao próprio território, até o momento os meios para o alcance do objetivo não promoveram o bem-estar de quem vive na região. A estratégia aérea militar de punição, que tem a terra arrasada como base, consiste no pavor do povo “inimigo” (Machado; Da Silva, 2024). A destruição por meio das bombas visa o sofrimento direto e indireto da nação, bem como o prejuízo à economia estatal. Os mísseis, para além de armas de guerra usadas de modo irracional e enraivecido, são calculados com propósitos específicos, como “matar, ferir e desabrigar a população, assim como para privá-la de serviços essenciais como água, aquecimento e energia elétrica” (Machado; Da Silva, 2024, p. 106).

As experiências sensoriais vividas por quem presencia a guerra não são limitadas à visão: os sons também remetem à zona de conflito. Nas cidades da Ucrânia, sirenes alertam a população sobre ataques aéreos iminentes. Ao ouvirem os sinais, que podem surgir a qualquer momento, as pessoas buscam o abrigo mais próximo. De fevereiro de 2022 a novembro de 2024, cerca de 50.000 alarmes foram ativados em toda a região ucraniana. Desses, mais de 13.000 foram em Kiev. A duração média das sirenes é de uma hora, e a mais longa permaneceu em ação por 50 horas e 31 minutos, na região da Carcóvia (AIR..., 2024)<sup>9</sup>. Durante o período em que cobriu zonas de conflito, Lurdes Baeta também ouviu os alarmes soarem:

Já passaram dois anos e quando ouço sirenes, ainda fico arrepiada, porque elas indicam que vai acontecer qualquer coisa e são muito fortes, é o que se ouve a todo lado. Eu trabalhei durante três semanas ouvindo as sirenes. Aconteceram alguns bombardeamentos em Lviv (Baeta, 2024)<sup>10</sup>.

Em meio ao cenário de destruição, determinados ucranianos aceitaram a missão de integrar equipes jornalísticas estrangeiras, no papel de *fixers*. Os profissionais do ramo, geralmente nativos dos territórios em conflito, são contratados para a facilitação do trabalho dos correspondentes: atuam como tradutores, guias locais, motoristas e produtores, uma vez que encontram personagens para as matérias. Os *fixers* não necessariamente acompanham os mesmos repórteres ao longo da guerra, rotatividade que amplia a rede de contato de ambos os lados (Costa, 2014).

Esse foi o caso da ucraniana Yasnyska Mariya, de 36 anos, moradora de Lviv, que

<sup>8</sup> Entrevista concedida à autora. On-line. Rio de Janeiro, 23 de setembro de 2024.

<sup>9</sup> AIR ALARMS. Air Alarms in Ukraine. Disponível em: <https://air-alarms.in.ua/en>. Acesso em: 04 nov. 2024.

<sup>10</sup> Entrevista concedida à autora. On-line. Rio de Janeiro, 23 de setembro de 2024.

concedeu uma entrevista<sup>11</sup> a esta pesquisa. Quando a guerra começou, ela precisou fechar temporariamente sua escola de inglês, e a falta de uma fonte de renda virou uma preocupação. “Quem precisaria do inglês diante do risco de perder a vida, a quem se ama, a própria casa” (Mariya, 2024)<sup>12</sup>, comenta. Por isso, ela e seu marido procuraram uma comunidade de *fixers* e trabalharam com jornalistas, sobretudo brasileiros, franceses e portugueses, até que a escola pudesse ser reaberta.

Mariya, que presenciou conhecidos desolados e o cenário de destruição inabitável em lugares antes movimentados e urbanizados, sentiu a urgência de ser útil. Diferente daqueles que cobriam a guerra em solo internacional, ela lia os jornais com uma dor de proximidade. Mariupol, no outro extremo ucraniano, tinha casas destruídas, e moradores mortos nos escombros, sem nenhum tipo de ajuda. Para a *fixer*, integrar equipes de jornalismo contribuiu para o bem-estar da sua saúde mental, pois o senso de dever era suprido pelas tarefas que realizava em prol da notícia.

Em determinado momento, vítimas de ataques à Kiev se abrigaram em Lviv, que fica a pouco mais de 6h de distância da capital. Dezenas de milhares de pessoas buscaram refúgio na região, sem pertences, apenas com familiares e animais de estimação (Mariya, 2024)<sup>13</sup>. Ali, eles decidiam se permaneceriam na cidade ou se partiriam para outro refúgio. Voltar para casa não era uma opção. Ninguém está isento do estado de precariedade em que se encontram aqueles que fogem de bombardeios. Seres humanos dependem uns dos outros, estão nas mãos daqueles que conhecem e dos desconhecidos, que podem representar o único apoio possível em tempos difíceis (Butler, 2015).

A situação impactou a ucraniana, que presenciou pessoas ricas e influentes em estado de vulnerabilidade social, sem moradia e com entes queridos mortos. “Não consigo imaginar o que perderam, suas lindas casas, suas lindas vidas. Tudo que tinham” (Mariya, 2024)<sup>14</sup>. Colocados para fora das fortalezas pessoais, moradores perdem o espaço das suas relações privadas (Valencio, 2020). As paredes imateriais do exercício do viver também sucumbem, e o massacre simbólico das vítimas pode ser observado na maneira como reagem aos ambientes sociais.

Em meio à conjuntura, Mariya notou que um homem permanecia calmo e aceitava

---

<sup>11</sup> A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice A desta monografia.

<sup>12</sup> Entrevista concedida à autora. On-line. Rio de Janeiro, 13 de setembro de 2024.

<sup>13</sup> Entrevista concedida à autora. On-line. Rio de Janeiro, 13 de setembro de 2024.

<sup>14</sup> Entrevista concedida à autora. On-line. Rio de Janeiro, 13 de setembro de 2024.

ajuda, apesar de ter perdido a casa e de ter que lidar com a condição de saúde dos pais idosos. Os outros refugiados experimentavam diferentes reações, segundo a *fixer*.

Alguns estavam chocados. Outros não conseguiam falar. Alguns choravam. E as pessoas estavam uma bagunça, é claro. Imagine viver em uma bela casa Hollywoodiana, porque elas moravam nesse tipo de casa, e se mudar para um pequeno vilarejo em uma casa muito, muito simples, básica. O homem estava completamente bem em relação a isso (Mariya, 2024)<sup>15</sup>.

Lurdes Baeta também se deparou com a destruição de moradias. Ao visitar uma construção civil parcialmente destruída por bombardeios, ela só tinha um alvo em mente:

Explicar de uma forma clara e minuciosa aquilo que eu própria senti quando entrei num prédio todo em ruínas. Lá moravam pessoas. Em certo apartamento vi as coisas nas gavetas, molduras de filhos em cima da mesa de cabeceira, brinquedos num quarto de criança. E o prédio estava sem qualquer janela, estava todo arrebentado, e a parte da cozinha nem sequer existia (Baeta, 2024)<sup>16</sup>.

Em abril de 2022, bombardeios atingiram a cidade de Borodyanka, que foi quase completamente arrasada. Baeta conheceu a área bombardeada e conversou com os locais que ainda viviam na região em busca dos corpos de familiares debaixo dos escombros. Prédios inteiros se resumiam a pilhas de tijolos, e a esmagadora maioria dos cidadãos já havia evacuado o local. Ao narrar imagens que compunham o cenário de devastação, a enviada especial explicou aquilo que presenciava: “Nas varandas, a roupa permanece nas cordas. Muitos dos 12.000 habitantes conseguiram fugir. Algumas centenas ficaram. Os trabalhos não param. Nas mãos dos elementos da proteção civil, está o que sobrou das casas”<sup>17</sup>.

A descrição minuciosa dos fatos, dos objetos deixados para trás, das ruínas de uma área urbanizada, convertem elementos da guerra em realidades que se constroem no imaginário dos telespectadores. De acordo com a pesquisadora Cremilda Medina (1988), a narração de acontecimentos não pode trazer à tona as mesmas sensações experimentadas em tempo real, mas corrobora para a construção de uma realidade. “O fragmento de tempo posterior que a narrativa representa é a passagem fundamental para uma realidade substantiva, um esforço de prolongamento do instante anterior, de certa forma sempre intencional e articulada (Medina, 1988, p.115)”.

<sup>15</sup> Entrevista concedida à autora. On-line. Rio de Janeiro, 13 de setembro de 2024.

<sup>16</sup> Entrevista concedida à autora. On-line. Rio de Janeiro, 23 de setembro de 2024.

<sup>17</sup> Disponível em: <https://cnnportugal.iol.pt/videos/estou-a-espera-pelo-menos-para-enterrar-os-seus-restos-mortais-destruicao-dificulta-trabalho-das-equipas-de-resgate-em-borodyanka/62586e720cf2f9a86e9e82ac>. Acesso em: 03 nov. 2024.

### 3.2. Subjetividades no jornalismo objetivo

Ao longo dos meses, Yasnyska Mariya trabalhou como *fixer* de correspondentes de ambos os gêneros. A ucraniana aponta que o perfil das mulheres que cobrem guerra no país não apresenta fragilidade, característica pressuposta pelos preconceitos vividos no histórico da presença feminina em confrontos. “As jornalistas que eu encontrei tinham personalidades poderosas. Elas me inspiraram de muitas maneiras, elas falavam muito bem diante da câmera, elas não tinham medo. Elas eram destemidas. Admiro mulheres assim” (Mariya, 2024)<sup>18</sup>.

Enquanto era entrevistada, Mariya reembrou uma das companhias mais marcantes na construção de reportagens. A correspondente que trabalhava com a *fixer* teve a ideia de ir às feiras de comércio de Lviv falar com os habitantes da região. A abordagem escapou das zonas afetadas diretamente pelos ataques aéreos, e elas ouviram em primeira mão as histórias de indivíduos economicamente vulneráveis diante da instabilidade do período. “Ela queria saber como estava a vida. De que forma a guerra afetou as pessoas”<sup>19</sup>. A profissional era Lurdes Baeta, que produziu matérias especiais para a CNN com o auxílio de Yasnyska. A portuguesa comentou seu propósito na busca por entrevistados:

Eu não queria falar sobre o tipo de armamento que havia ali, o tipo de tanques. Eu queria saber o que é que se passava com as pessoas que ficaram lá. Os filhos e os netos de alguns fugiram, e eles ficaram para trás. Em outros casos ninguém fugiu, as famílias todas ficaram ali. Eu queria saber o que é que aconteceu e como é que as pessoas estavam e o que iriam fazer dali em diante (Baeta, 2024)<sup>20</sup>.

O contato de Baeta com os personagens que não falavam inglês – categoria que representava a maior parte dos moradores de Lviv – dependia de tradutores como Mariya. “Eu fazia a pergunta baixinho em inglês, e ela fazia a pergunta à pessoa e ao mesmo tempo que a pessoa respondia, (...) era muito imediato, eu conseguia conversar com as pessoas assim” (Baeta, 2024)<sup>21</sup>. Para além da barreira de idioma, as diferenças culturais não são intransponíveis com a presença de uma ponte linguística na construção de sentidos. Durante as entrevistas com as vítimas da guerra, “a tradução não é a substituição de elementos lexicais e gramaticais entre línguas” (Basnett, 2003, p. 54). Para Schleiermacher (2001), o idioma falado influencia diretamente as percepções individuais de uma sociedade.

<sup>18</sup> Entrevista concedida à autora. On-line. Rio de Janeiro, 13 de setembro de 2024.

<sup>19</sup> Entrevista concedida à autora. On-line. Rio de Janeiro, 23 de setembro de 2024.

<sup>20</sup> Entrevista concedida à autora. On-line. Rio de Janeiro, 23 de setembro de 2024

<sup>21</sup> Entrevista concedida à autora. On-line. Rio de Janeiro, 23 de setembro de 2024

(...) cada pessoa é denominada pela língua que fala, ela e todo seu pensamento são um produto dela. Uma pessoa não poderia pensar com total clareza nada o que estivesse fora dos limites da língua, a configuração de seus conceitos, a forma e os limites de sua contabilidade lhe são apresentados através da língua na qual nasceu e foi educada, inteligência e fantasia são delimitadas através dela (Schleiermacher, 2001, p 37).

No exercício da profissão, Lurdes se deparou com momentos de sensibilidade. Em um dos bairros de Bucha, cidade invadida pelos militares russos, ela entrevistou a avó de um rapaz de 14 anos. O neto havia morrido, baleado por soldados após fugir da garagem em que se escondia com os parentes. As semelhanças da personalidade do menino e do seu próprio filho atordoaram a jornalista, ainda que ele estivesse a milhares de quilômetros de distância e em segurança. Ela recontou a vivência, apesar do peso emocional que carrega em sua memória:

Uma coisa é ouvir uma história, outra é ouvir a pessoa que viveu a vida toda com aquele ente querido. Por ter um filho da mesma idade, sabia que se a minha mãe falasse sobre ele, ia dizer que era um miúdo super inteligente e que gostava de jogar com o computador porque isto são coisas completamente ocidentais. As guerras são estas pessoas que desaparecem, que morrem nesta injustiça tremenda. Estas pessoas nunca vão perdoar o que aconteceu, nunca, nunca, jamais. (...) Durante um mês eles tiveram os mortos enterrados à porta, sem saber o que ia acontecer, portanto, é um trauma discriminado. Eu percebi que era isso que precisava contar. Nós temos de falar sobre as vidas, não só sobre os números, porque a guerra é feita dessas pessoas (Baeta, 2024)<sup>22</sup>.

A guerra é feita de pessoas, e o jornalista que cobre zonas em conflito está propenso às afetações emocionais das subjetividades cotidianas. Pesquisadores divergem na definição do modo correto de agir diante da sensibilidade durante o exercício profissional. A separação entre razão e emoção é apresentada como um desafio necessário por Ted White. Segundo ele, “repórteres podem chorar, e algumas vezes o fazem - sozinhos. Eles devem, no entanto, cobrir tais matérias da forma menos emocional possível e partir para a próxima” (White, 2008, p. 209). Para Damásio (2012), a emoção parte da própria racionalidade humana. Em outra pesquisa, realizada por uma mulher, as emoções são definidas como:

respostas multifacetadas a eventos que entendemos como importantes à nossa sobrevivência e aos nossos objetivos sociais e dependem de como avaliamos determinadas situações e de como aprendemos a avaliá-las de acordo com a sociedade e a cultura na qual nos inserimos (Gadret, 2016, p. 2).

Ao trabalhar com correspondentes homens, Yasnyska atuava como ponte linguística e de gênero. Em circunstâncias mais delicadas, sua sensibilidade indicava o momento certo de encerrar a conversa. “Muitos dos jornalistas com quem trabalhei queriam entrevistar mulheres

---

<sup>22</sup> Entrevista concedida à autora. On-line. Rio de Janeiro, 23 de setembro de 2024

que haviam sido violentadas. (...) Certa vez realizamos uma entrevista curta com uma mulher que não estava pronta para falar" (Mariya, 2024)<sup>23</sup>. De acordo com Scarpati (2023), entrevistas com vítimas de estupro, quando realizadas de modo inadequado, podem reativar lembranças traumáticas: "do ponto de vista cognitivo, recordar uma violência sexual, pode ser semelhante a passar pela experiência traumática novamente. (...) Assim, estas memórias estressantes podem ser relembradas de maneira muito vívida, com alta carga emocional" (Scarpati et al., 2023, p. 1258).

Para Baeta (2024)<sup>24</sup>, a decisão de quem vai cobrir as guerras ocidentais atuais não tem o gênero como influência. Chefe de redação, ela afirmou que na seleção de jornalistas para missões complexas, tanto homens quanto mulheres podem apresentar perfis medrosos e instáveis, opostos às características dos enviados. O *woman's angle*, que nas primeiras guerras era uma resposta ao tolhimento da liberdade produtiva feminina, não é mais um fator necessário para grande parte das profissionais do Ocidente, segundo a enviada especial. A intuição jornalística durante as coberturas é mais valiosa do que as distinções de gênero.

Há homens ultrassensíveis para aquilo que nós consideramos o ângulo das mulheres, e também há mulheres que não são muito sensíveis para isso e que querem falar de outras coisas. Nas redações, as jornalistas que vão à guerra normalmente são mulheres que são escolhidas porque confiam que vão fazer um bom trabalho, não vão morrer, não vão querer vir embora (Baeta, 2024)<sup>25</sup>.

Lurdes Baeta acredita que as pautas jornalísticas nascem de pequenas observações. Durante seu período na guerra, cenas cotidianas para moradores em situação de conflito despertavam a curiosidade da jornalista, que conhecia novas histórias e juntava recortes sociais do todo. Em uma dessas situações, Irpin, pequena cidade de Kiev, havia perdido a ponte de acesso ao restante do país. Cidadãos tentavam fugir por meio da estrutura danificada, e carros de civis não eram autorizados a entrarem e saírem do local (Baeta, 2024)<sup>26</sup>.

Enquanto sua equipe planejava atravessar o acesso à cidade, a enviada especial percebeu que uma mulher idosa, com cerca de 80 anos, andava a pé na estrada e carregava uma mala. O caminho que ligava Irpin e Kiev era de 2 km, e a cena fez Baeta ir até ela e perguntar o que estava fazendo. A idosa explicou que não sabia se os bombardeios haviam atingido sua casa, então havia conseguido fita e cola para tapar as suas janelas, caso entrasse chuva. A portuguesa

<sup>23</sup> Entrevista concedida à autora. On-line. Rio de Janeiro, 13 de setembro de 2024.

<sup>24</sup> Entrevista concedida à autora. On-line. Rio de Janeiro, 23 de setembro de 2024.

<sup>25</sup> Entrevista concedida à autora. On-line. Rio de Janeiro, 23 de setembro de 2024.

<sup>26</sup> Entrevista concedida à autora. On-line. Rio de Janeiro, 23 de setembro de 2024.

notou que a preocupação com algo simples, como uma janela, foi a resposta da ucraniana ao temor de perder a própria moradia (Baeta, 2024)<sup>27</sup>. As vivências individuais, quando somadas, formam a memória de um povo:

Se considerarmos a memória um processo, e não um depósito de dados, poderemos constatar que, à semelhança da linguagem, a memória é social, tornando-se concreta apenas quando mentalizada ou verbalizada pelas pessoas. A memória é um processo individual, que ocorre em um meio social dinâmico, valendo de instrumentos socialmente criados e compartilhados (Portelli, 1997, p. 16).

Durante seus primeiros passos na busca por personagens, Yasnyska procurava pessoas que já conhecia, como professores, soldados e vizinhos. Os repórteres indicavam o perfil de cidadão que precisavam, e ela telefonava para alguém do seu círculo de contatos. Conforme adquiriu mais experiência na área, ela passou a abordar cidadãos nas ruas, que quase sempre estavam dispostos a falar. Suas perguntas eram simples, como “gostaria de conversar? Gostaria de compartilhar sua história?”<sup>28</sup>. Os bons resultados do trabalho da *fixer* eram facilitados pela disposição dos entrevistados: “Eles queriam que o mundo soubesse o que estava acontecendo na cidade, fosse ela Kiev, Bucha ou Irkutsk. Então nós os entrevistávamos. A maioria das histórias eram bastante impactantes” (Mariya, 2024)<sup>29</sup>.

### 3.3. O espaço identitário da mulher na cultura

Sherry Ortner, antropóloga cultural, acredita que em cada cultura conhecida, tanto no Ocidente quanto no Oriente, as mulheres são vistas como inferiores aos homens. Ortner (1979) pontua que a ideologia cultural de uma nação apresenta diferentes esquemas, explícitos e simbólicos, para sujeitar a mulher ao homem. Desde a sua criação, a cultura, aqui entendida como noção de consciência humana, inferioriza a natureza, e o masculino reproduz a ação com o ser mais próximo de si mesmo. Mas apesar de existirem em um mundo patriarcal, os indivíduos do gênero feminino são seres racionais, e não conceitos teóricos. Elas devem, então, ser reconhecidas como geradoras de signos, bem como eles (Levi-Strauss, 2002).

Ao longo da sua infância e adolescência, a ucraniana Mariya Yasnyska ouvia que seu comportamento deveria ser quieto, silencioso. Desde pequena, sabia que seu dever era respeitar

<sup>27</sup> Entrevista concedida à autora. On-line. Rio de Janeiro, 23 de setembro de 2024.

<sup>28</sup> Entrevista concedida à autora. On-line. Rio de Janeiro, 13 de setembro de 2024.

<sup>29</sup> Entrevista concedida à autora. On-line. Rio de Janeiro, 13 de setembro de 2024.

o marido (Mariya, 2024)<sup>30</sup>. Aos 36 anos, ela percebe as mudanças ideológicas das pessoas da sua idade, e atribui o fenômeno ao processo de transição geracional.

Às vezes brincamos que somos os rompedores de ciclos, porque a nossa geração faz as coisas de forma diferente da dos nossos pais. Simplesmente decidimos nos divorciar. Ou seja, não temos medo de fazer algumas coisas que as nossas mães tinham receio de fazer, porque pensavam “o que é que as pessoas vão dizer se fizermos isso?” (Mariya, 2024)<sup>31</sup>.

Ainda que sua geração apresente mudanças culturais quando comparada à anterior, a *fixer* identifica traços ideológicos, que fizeram parte do seu crescimento, nas atitudes de outras mulheres. Na época da sua mãe, as meninas não queriam dirigir, porque eram vistas como péssimas motoristas. Hoje, ela aconselha algumas de suas amigas a tirarem carteira de motorista, mas ouve frases como “não quero dirigir. Meu maridinho vai me levar para onde eu quiser, ou posso pegar um táxi” (Mariya, 2024)<sup>32</sup>. A mulher que não pode se expressar quando pequena e nem brincar de modo levado como os garotos, encontra desde cedo um universo de limitações atribuídas ao gênero, e então orbita em torno do Homem:

Elá sendo também um ser existente, sente a necessidade de sobrepujar e seu intento não é repetição, mas transcende em direção a um futuro diferente - em seu íntimo ela encontra a confirmação das pretensões masculinas. Elá acompanha os homens nos festivais que celebram o sucesso e as vitórias masculinas (...) mesmo em sua própria visão da Vida, não leva em si as razões de existência (Beauvoir, 2016, p. 59).

Quando a possibilidade de se tornar uma *fixer* surgiu, Mariya sugeriu que a empresa de admissão e o marido procurassem outra mulher para o cargo. Ela admite que subestima a si mesma com frequência (Mariya, 2024)<sup>33</sup>. Os incentivos dele encorajaram a ucraniana, que não acreditava que seria capaz de desempenhar bem a função. Hoje, a profissional acredita na importância do seu papel no jornalismo. “Realmente, nós fizemos histórias muito boas” (Mariya, 2024)<sup>34</sup>. O conceito de síndrome do impostor (Clance; Imes, 1978) se trata do sentimento de insuficiência diante de novos desafios, ainda que o indivíduo tenha aptidão para encará-los. De acordo com os criadores do termo, “mulheres, em particular, têm uma tendência a duvidar de suas habilidades e a minimizar suas realizações (...)” (Clance; Imes, 1978, p. 242, tradução nossa)<sup>35</sup>.

<sup>30</sup> Entrevista concedida à autora. On-line. Rio de Janeiro, 13 de setembro de 2024.

<sup>31</sup> Entrevista concedida à autora. On-line. Rio de Janeiro, 13 de setembro de 2024.

<sup>32</sup> Entrevista concedida à autora. On-line. Rio de Janeiro, 13 de setembro de 2024.

<sup>33</sup> Entrevista concedida à autora. On-line. Rio de Janeiro, 13 de setembro de 2024.

<sup>34</sup> Entrevista concedida à autora. On-line. Rio de Janeiro, 13 de setembro de 2024.

<sup>35</sup> No original: “*Women, in particular, have a tendency to doubt their abilities and to minimize their achievements, often attributing their success to external factors such as luck, rather than their own abilities*”.

Após a visibilidade do seu desempenho como *fixer* na guerra da Ucrânia, Yanyksa foi convidada a cobrir os conflitos em Kiev, mas recusou a proposta. Ela afirmou que sentiu um medo racional, levando em consideração as circunstâncias instáveis da região, bem como a morte de jornalistas e *fixers*. Os fatores citados, no entanto, não seriam problemáticos se não fosse por um motivo: “provavelmente se eu fosse homem, eu iria. Porque se você é mulher, não é seguro. E foi o que pensei na época. Eu queria ir, mas temia pela minha e por outras vidas” (Mariya, 2024)<sup>36</sup>.

Mais de 100 anos separam o fim da Primeira Guerra Mundial e a invasão da Ucrânia pelas tropas russas. Ainda assim, os relatos da obra *A guerra não tem rosto de mulher* (1983), já citada neste trabalho, trazem reflexões sobre o espaço identitário da mulher na cultura ucraniana que podem ser aplicadas nos dias de hoje. Os testemunhos das personagens da Grande Guerra, ouvidas pela primeira vez pela conterrânea Svetlana Aleksiévitch, revelam o apagamento da voz feminina. Natália Serguêieva, soldado que lutou em defesa da União Soviética, sentiu alívio ao finalmente ser ouvida.

Quero falar... Falar! Desabafar! Finalmente querem nos escutar também. Passamos tanto tempo caladas, até em casa. Por dezenas de anos. No primeiro ano depois que voltei da guerra eu falava sem parar. Ninguém escutava. Então me calei... Que bom que você veio. Passei o tempo todo esperando, sabia que alguém viria. Tinha que vir. Eu era jovem na época. Absolutamente jovem. Que pena. Sabe por quê? Não fui capaz de guardar na memória... (Aleksiévitch, 1983, p. 62-63).

No seu primeiro contato com o povo da Ucrânia, Lurdes Baeta foi tratada com cortesia por parte dos homens. Eles não permitiram que ela carregasse as malas no aeroporto, enquanto seu colega de trabalho não recebeu nenhum suporte. A jornalista, ciente de que o país é “um pouco machista” (Baeta, 2024)<sup>37</sup> e de que entende a mulher como o sexo frágil, encontrou formas de facilitar seu cotidiano como enviada especial. Quando sua equipe realizou uma manobra proibida na estrada e um militar foi falar com eles, Baeta contou algumas piadas e saiu da situação ilesa.

“Neste cenário as mulheres não constituem ameaça, essa é a mentalidade dos soldados. Isso nos ajudou muito em muitas situações, porque não éramos uma ameaça e eles deixavam-nos passar” (Baeta, 2024)<sup>38</sup>. O correspondente em região de conflito deve balancear os próprios valores com as realidades políticas e culturais do local em que está inserido, e até mesmo

<sup>36</sup> Entrevista concedida à autora. On-line. Rio de Janeiro, 13 de setembro de 2024.

<sup>37</sup> Entrevista concedida à autora. On-line. Rio de Janeiro, 23 de setembro de 2024.

<sup>38</sup> Entrevista concedida à autora. On-line. Rio de Janeiro, 23 de setembro de 2024.

remodelar as práticas jornalísticas em prol da Notícia (Lynch; McGoldrick, 2005).

Uma enfermeira ucraniana, ao abordar a cultura local, disse à portuguesa que as mulheres desejam ficar em casa, enquanto os homens trabalham e sustentam as famílias. A dependência financeira é um dos principais motivos pelos quais mulheres vítimas de violência doméstica permanecem com seus maridos. Segundo o economista Amartya Sen, “a liberdade econômica, entendida como a capacidade de as pessoas escolherem seu próprio estilo de vida e de participarem na economia, é uma das dimensões centrais da liberdade humana” (Sen, 1999, p. 43).

Por outro lado, as escolhas feitas por um grupo, a menos que corrompam os direitos humanos, não devem ser censuradas pelos jornalistas. Para que o resultado final de uma produção jornalística seja bem-sucedido, os repórteres devem abandonar a tendência ao julgamento, que pode levá-los a interpretações equivocadas do que deve estar em pauta. Enquanto seres sociais, os profissionais são levados a entrar em embate com o Outro (Eagleton, 2005). As dinâmicas culturais estabelecidas na sociedade, firmadas antes dos conflitos territoriais de hoje, devem ser respeitadas como fragmentos da diversidade cultural. Dessa forma, é possível compreender as diferenças ideológicas como questões, e não como objetos. (Eagleton, 2005).

Enquanto conta o que acontece na guerra para o restante do mundo, a correspondente de guerra deve identificar seu papel de detentora do privilégio de dedicar sua perspectiva ao mundo, mas apenas isso (Resende, 2009). A humanidade, para além do senso de importância, posiciona as mulheres que cobrem conflitos no lugar de observadoras, e não de protagonistas. O respeito aos testemunhos ouvidos durante a cobertura faz com que o Outro seja visto como um semelhante.

O jornalista, como um dos protagonistas do ato, quando se reposiciona no lugar do humano, cria possibilidades de encontro. Articulando-se no tecido da vida, ele deixa, através do texto, de ocupar o lugar de dono da lei, para tornar-se um observador, tanto quanto o é aquele para quem escreve (Resende, 2009, p. 38).

A narração que parte daquilo que é observado nas zonas de confrontos deriva da compreensão do contexto social das suas vítimas. E no jornalismo, compreender é explicar (Barbosa, 2010). A produção de narrativas surge por meio das vivências cotidianas. É preciso que a cobertura de guerra seja realizada com um olhar imersivo sobre a cultura e os atos corriqueiros dos indivíduos. “Narrar é uma forma de estar no mundo, visualizá-lo, produzir interpretações (...)” (Barbosa, 210, p. 19). Lurdes Baeta acredita que, dentre as possíveis

narrativas produzidas em reportagens, o gênero deixou de ser um fator preponderante. Para ela, outros aspectos interferem no ponto de vista do jornalista:

Eu sou uma mulher de 53 anos, fui educada de uma certa maneira, sou mãe de 3 pessoas, terei sempre um ângulo diferente de um homem solteiro de 20 anos, não tenho dúvida. Mas também terei uma perspectiva diferente de uma mulher solteira de 20 anos (Baeta, 2024)<sup>39</sup>.

---

<sup>39</sup> Entrevista concedida à autora. On-line. Rio de Janeiro, 23 de setembro de 2024.

#### **4. A correspondente de hoje nos conflitos do Oriente Médio**

O conceito de Orientalismo (1978) foi criado por Edward Said no livro de mesmo nome para definir a construção de um imaginário oriental exótico e xenofóbico pela Europa, e mais tarde pelos Estados Unidos. Embora o Oriente apresente diferentes características geopolíticas e culturais, ele é compreendido pelo olhar ocidental como uma região homogênea e, no que diz respeito à religião, menos desenvolvida (Said, 1978). O autor explica que o orientalismo contemporâneo “nos ensina muito sobre a desonestade intelectual de dissimular a esse respeito, cujo resultado é intensificar as divisões e torná-las viciosas e permanentes (Said, 1978, p. 435) .

A partir das configurações territoriais e culturais dos países (Said, 1978), o Oriente pode ser segmentado do seguinte modo: Extremo Oriente, Sul da Ásia, Sudeste Asiático e Oriente Médio. O último abrange Estados como Israel, Palestina, Irã, Iraque, Líbano e Turquia, regiões historicamente envolvidas em conflito entre si e com determinadas nações ocidentais. O desafio da correspondente de guerra que cobre os confrontos mais recentes no Oriente Médio é buscar uma perspectiva dissociada do orientalismo. Nesse caminho, suas vivências durante a cobertura indicam se o gênero representa ou não uma barreira cultural de desigualdades e violências simbólicas (Costa, 2018) nas sociedades de maioria muçulmana e judaica. As teorias e as suposições, portanto, só podem ser comprovadas na linha de frente do fazer jornalístico.

##### **4.1. A complexidade geopolítica do conflito Israel-Hamas**

No dia 7 de outubro de 2023, que ficou conhecido como o 11 de setembro em Israel (Vieira, 2024), militantes do movimento islâmico Hamas invadiram as fronteiras do território israelense na Faixa de Gaza e iniciaram um dos atentados terroristas mais letais da história recente (Sochaczewski; Notari, 2024). Ataques aéreos por meio de foguetes destruíram cidades, casas foram invadidas e famílias apreendidas. No mesmo dia, cerca de 250 israelenses foram feitos reféns, e mais de 1200 morreram nas mãos do grupo extremista. Conflitos como esse compõem o cenário geopolítico do Oriente Médio, e são alvo do faro jornalístico dos correspondentes de guerra há décadas. A iminência de novos embates, no entanto, não preparou

o mundo para as consequências do fatídico dia 7 (Kershner, 2023)<sup>40</sup>.

O conflito Israel-Hamas não é novidade no cenário oriental: a disputa territorial pela Terra Santa inflama as relações de judeus e árabes no Oriente Médio desde o final do século XIX (Vieira, 2024). A cidade de Jerusalém é de grande essencialidade histórica na fé, tanto islâmica quanto judaica. Em 1948, com a declaração de independência de Israel, milhares de palestinos sofreram represálias e foram expulsos das suas regiões. Desde então, as negociações de paz entre os dois países têm sido infrutíferas. O pesquisador André Vieira aponta que “o conflito intermitente ou esta guerra crônica alimenta o extremismo, a instabilidade política e a violência na região, afetando não apenas os próprios países envolvidos, mas também países vizinhos e além, todo o Oriente Médio” (Vieira, 2024, p. 33).

Em resposta aos sucessivos ataques terroristas do Hamas, desde então as forças militares israelenses realizam bombardeios frequentes na Faixa de Gaza por meio de ataques aéreos. O Ministério da Saúde da Palestina indica que mais de 100 mil pessoas ficaram feridas, e cerca de 40 mil palestinos foram mortos na região desde outubro de 2023, dentre eles, 16 mil crianças. A Agência de Segurança Social de Israel contabiliza pelo menos 8 mil israelenses feridos, e mais de mil mortos (Al Jazeera, 2024)<sup>41</sup>. O Direito Internacional prevê que um Estado disponha da própria força para defender seu território em ataque. Na prática, a morte de civis que tentam escapar do fogo cruzado é uma das consequências desse tipo de resposta (Ramos, 2002).

Para a comunidade internacional enquanto o Hamas pratica uma guerra de agressão, proibida pelo Direito Internacional; o Estado de Israel pratica uma guerra de reação ou de defesa. Ocorre, contudo, que tais medidas não alcançam somente seus adversários e sim toda uma população civil palestina, consubstanciando-se em práticas internacionais contra a paz e que atentam contra o direito humanitário e o direito das pessoas não combatentes em conflitos armados (Ramos, 2002, p. 180).

Além da capacidade de enfrentar os traumas pessoais e coletivos causados pela guerra, quem realiza a cobertura jornalística precisa compreender as complexidades da política internacional, da história e da cultura dos países em conflito. O jornalista não pode se incomodar com a falta de equipamentos de qualidade na elaboração de matérias audiovisuais, muito menos com a chance de deixar para trás todos os bens que levou consigo do país de origem (Costa, 2014). O talento na produção de reportagens emocionantes não é o suficiente: a mulher que

<sup>40</sup> KERSHNER, Isabel. Israel's attackers took about 240 hostages. Here's what to know about them. **The New York Times**, 10 out. 2023. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2023/10/10/world/middleeast/hostages-israel-hamas.html>. Acesso em: 06 nov. 2024.

<sup>41</sup> AL JAZEERA. Israel-Hamas war in maps and charts: live tracker. **Al Jazeera**, 9 out. 2023. Disponível em: <https://www.aljazeera.com/news/longform/2023/10/9/israel-hamas-war-in-maps-and-charts-live-tracker>. Acesso em: 06 nov. 2024.

cobre guerra, sobretudo, deve ser uma profissional completa.

A correspondente internacional Paola De Orte, da TV Globo, foi uma das responsáveis pela cobertura ocidental do ataque terrorista do Hamas em Gaza, e descreve os desdobramentos da guerra para os telespectadores brasileiros. A jornalista estuda os aspectos geopolíticos e históricos do embate entre Israel e Palestina há anos, e seu interesse intelectual pelo tema levou sua carreira ao território israelense em 2021.

Dois meses após sua chegada à cidade de Tel Aviv, um micro conflito de 10 dias agitou os dois países, mas um período de relativa estabilidade foi instaurado até 2023. Em entrevista<sup>42</sup> realizada pela presente pesquisa, ela revelou que não havia descartado a possibilidade de um conflito maior, mas que não imaginava os resultados da disputa entre países: “(...) eu não tinha como saber que seria algo dessa magnitude, porque ninguém tinha como saber, ninguém estava esperando um conflito desse tamanho, com essas consequências tão trágicas” (De Orte, 2024)<sup>43</sup>.

No país, Paola observa a importância atribuída à religião. Ela conta que no entardecer das sextas-feiras, o *Shabbat*, dia do descanso no judaísmo, é iniciado, e só termina no sábado à tarde. Por isso, comércio e transporte público não funcionam. Segundo a brasileira, os grupos religiosos do país vivem separadamente em bolhas sociais, característica marcante no cotidiano, como em rodas de amigos e na configuração dos bairros.

É uma sociedade muito diferente do Brasil, com certeza, e ela é diferente nesse sentido de que você tem grupos religiosos muito definidamente separados. Você tem ali na região, caso inclua a região inteira, israelenses judeus, israelenses árabes e então os palestinos. Dentre os palestinos, há os palestinos cristãos e os palestinos muçulmanos, que são diferenças que você consegue ver muito claramente. No Brasil a gente tem uma sociedade em que as pessoas misturam essas características (De Orte, 2024)<sup>44</sup>.

Para os religiosos judeus, muçulmanos e cristãos, o Estado de Israel representa a Terra Prometida por Deus à descendência de Abraão. O significado político do local ganhou espaço com o senso de pertencimento identitário atrelado à porção territorial. Para essas religiões, tomar posse de Israel vai além do poder político: representa a conquista designada aos seus antepassados. Até mesmo os grupos terroristas atribuem suas ações truculentas à defesa do fundamentalismo da religião, como no caso do Hamas.

Enquanto Terra de Deus, a Palestina integra o ‘Dar al-Islã’, ou seja, é a “Casa do Islã” e os palestinos não podem abrir mão de qualquer pedaço de terra dessa “Casa”. É preciso estabelecer um Estado Islâmico na Palestina. A ideologia do Hamas entende qualquer negociação política com Israel uma traição ao Islã (De Lima; Philippini,

<sup>42</sup> A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice C desta monografia.

<sup>43</sup> Entrevista concedida à autora. On-line. Rio de Janeiro, 30 de outubro de 2024.

<sup>44</sup> Entrevista concedida à autora. On-line. Rio de Janeiro, 30 de outubro de 2024.

2017, p. 174).

A correspondente aponta que Israel pode ser definido como um país pouco liberal em seus aspectos sociais e culturais. Enquanto no Brasil as pessoas mais velhas tendem ao conservadorismo, os jovens israelenses apoiam ideais conservadores com mais pungência que as gerações anteriores. Paola explica que acompanhar de perto a disputa entre nações que ocupam o mesmo espaço de terra gera uma “carga de tensão enorme” (De Orte, 2024). Ao analisar as motivações e as discordâncias de Israel e da Palestina, ela encontra na sua experiência profissional um lugar de compreensão das perspectivas de ambos os países.

A polarização de grupos devido à ideologia já havia sido notada pela jornalista no período de cobertura internacional nos Estados Unidos. Os paralelos mentais também se estendem às situações de violência que cobriu no Brasil: “um grupo achando que a maneira de lidar com a violência é trazendo mais violência, um outro grupo que vem e responde que não tem como ser essa a resposta. São duas discussões que, quando eu coloco nesses termos gerais, são bem parecidas com os dois lados” (De Orte, 2024)<sup>45</sup>.

Para a profissional, a complexidade geopolítica da guerra Israel-Hamas não deve ser enquadrada como oposta às dinâmicas humanas instáveis do Ocidente. As razões que levam aos conflitos, bem como as consequências para as populações, não são “de outro mundo” (De Orte, 2024). No jornalismo, a busca pela compreensão de uma realidade social tem o objetivo de “exibir o mundo sob perspectivas diversificadas. Mais do que isso, ilumina as conexões entre conteúdos aparentemente desconectados. Interliga dados, mostra sentidos, perspectivas” (Lima, 2009, 366).

Em *Orientalismo*, Said (1978) propõe o humanismo na contextualização das questões orientais para o povo ocidental. Os conflitos, quando explicados por meios históricos e culturais, são menos tidos como irracionais. A indagação crítica dos estereótipos de raça e religião do Oriente Médio, processo realizado por meio da interpretação das práticas e intenções humanas, desintegra os preconceitos cristalizados na sociedade do lado de cá.

A desconfiguração de saberes tidos como verdadeiros na simbologia ocidental traz luz às injustiças causadas durante as guerras, bem como às mortes que poderiam ter sido evitadas. O escritor resume: “o que de fato importa é que o humanismo é nossa única possibilidade de resistência — e eu chegaria mesmo ao ponto de dizer que ele é nossa última possibilidade de resistência — contra as práticas desumanas que desfiguram a história humana” (Said, 1078, p.

---

<sup>45</sup> Entrevista concedida à autora. On-line. Rio de Janeiro, 30 de outubro de 2024.

26).

#### 4.2. O simbolismo cultural e religioso da mulher na guerra

A guerra silencia os direitos inalienáveis dos seres humanos. Nações em conflito não medem esforços para a vitória, e entre as armas, a lei não tem voz (Bobbio, 2000). O indivíduo do gênero feminino, quando enviado à zona de conflito para relatar os acontecimentos ao restante do mundo, também nota os silenciamentos instaurados antes da guerra. Os simbolismos culturais e religiosos de cada nação demarcam a fronteira social entre ser mulher e ser a mulher que a sociedade espera. Quando diante de ideologias misóginas, a correspondente não pode se desvincilar do Feminino em prol do jornalismo, uma vez que a sua própria presença é a realidade que rompe com as expectativas comportamentais do país estrangeiro.

É através da história e da cultura que a mulher é forçada a adotar a posição de 'outro'. Ela é definida por um ser superior, o homem, que a observa, a julga e a utiliza como um objeto. A mulher, então, nunca pode ser considerada plenamente humana, mas sempre uma 'deficiência' ou um reflexo imperfeito da masculinidade (Beauvoir, 2016, p. 322).

Paola De Orte conduz o fazer jornalístico em Israel com o equilíbrio entre objetividade e subjetividade, e procura escapar de excessos. A sensibilidade resgata o olhar humanizado para com as vítimas da guerra, muitas vezes alheias às causas inflamadas das tropas inimigas. A destruição, as bombas e as mortes não são questões de análise profissional para as pessoas que tiveram suas vidas cotidianas irremediavelmente interrompidas.

Quem sobrevive à violência acompanha a morte simbólica da cidade em que vive cercado de medos e indignações. (Costa, 2014). Por outro lado, o olhar jornalístico sóbrio diante dos conflitos permite que o discurso da repórter de guerra sobreponha as emoções. É preciso conciliar os resultados subjetivos dos conflitos armados e as repercussões econômicas, históricas e políticas dos embates para os países. Testemunhos e dados andam juntos (Resende, 2009).

Se você for só sensível, vai ser difícil conseguir chegar ao ponto. O correspondente precisa de certas técnicas para ir atrás dos personagens, encontrá-los, conversar com as pessoas. (...) Buscar aquelas suas ferramentas aprendidas no curso de jornalismo e aplicar de uma maneira que não passa tanto pela sensibilidade. Mas a sensibilidade é uma ferramenta também, no sentido de que o jornalista, na verdade, está cobrindo uma guerra que, por definição, é uma situação de muito sofrimento para as pessoas que estão envolvidas. E se ele for incapaz de entender esse sofrimento, não vai

conseguir passar as informações (De Orte, 2024)<sup>46</sup>.

A correspondente de guerra no Oriente Médio carrega os desafios e as oportunidades proporcionadas pela desigualdade de gênero. Segundo o Alcorão, livro sagrado do Islã, as mulheres são as irmãs uterinas dos homens diante das leis (Hajjami, 2008). Entretanto, na cultura islâmica o estupro não é um crime realizado contra a mulher. As vítimas do ato seriam os pais e maridos, cujos corpos sequer foram ameaçados pela violência. Os muçulmanos eruditos acreditam que a violência sexual direcionada à própria esposa não é uma prática criminosa (Santos, 2015).

A imposição de ideologias preconceituosas pode ser analisada de duas maneiras: por um lado o fundamentalismo religioso distorce os valores do islamismo e reproduz preconceitos de gênero, e por outro, determinados princípios religiosos fortalecem conceitos misóginos, impossibilitando a equidade entre homem e mulher. A desconsideração dos capítulos sobre harmonia entre gêneros no Alcorão não permite que as mulheres sejam integralmente respeitadas pelo Islã. Ainda assim, o tolhimento da liberdade feminina que é firmado no mesmo livro pode ser uma base sólida para argumentos sexistas. O Ocidente deve observar e interpretar com cuidado as limitações sociais do gênero feminino na religião.

A condição de inferioridade e precariedade a que está confinada a maior parte das mulheres muçulmanas, revela principalmente a hegemonia de Conjuntura Global, uma mentalidade e de um sistema patriarcal que instrumentaliza sua leitura da religião para legitimar as situações de dominação, de violência e de exclusão em relação às mulheres (Hajjami, 2008, p. 45).

Os indivíduos que cumprem fielmente todos os 613 preceitos do conjunto das leis judaicas, chamado de *Halachá*, são intitulados como judeus ortodoxos. As transformações sociais do povo ao longo das gerações modificaram a religião em diferentes vertentes. Assim, novas classificações surgiram na profissão da fé, como judeus-laicos, judeus-reformistas e judeus-culturais. A adaptação dos textos religiosos à contemporaneidade permitiu que as mulheres fossem incluídas no cenário religioso com mais dignidade, e agora o cargo de rabina é possível em algumas variações do judaísmo (Topel, 2003).

A base dos judeus ortodoxos, no entanto, permanece com a missão de integrar à risca as instruções do manual sagrado ao estilo de vida na sociedade (Topel, 2003). De acordo com a ortodoxia, mulheres e escravos têm o mesmo valor social, e homens são os proprietários do mundo. No livro de orações diárias, uma das bençães cotidianas é a gratidão à Deus porque

---

<sup>46</sup> Entrevista concedida à autora. On-line. Rio de Janeiro, 30 de outubro de 2024.

“não me fizeste mulher”. A rabina Sandra Kochmann (2005) ressalta que a reformulação da gratidão já foi realizada no judaísmo não ortodoxo, que agradece por ser feito “à imagem e semelhança de Deus”.

Em Israel, a correspondente Paola teve a oportunidade de entrevistar um judeu ortodoxo cidadão de Jerusalém. Antes da conversa, a tradutora que acompanhou a brasileira a alertou sobre um fator peculiar: o homem não olharia nos olhos de ambas, em respeito à prática religiosa (De Orte, 2024). Para Trindade (2003), quem faz a ponte durante entrevistas deve contextualizar fatores como fé e cultura: “não importa qual é o tipo de tradução que seja feita, o tradutor sempre precisará ter em mente que ele está traduzindo um conjunto de sentidos” (Trindade, 2003, p. 182).

No tocante à cultura israelense, a socióloga Simona Sharoni (1994) pontua que o termo “feminismo” não é avaliado positivamente por grande parte da população. Apesar de lutarem em prol da igualdade de gênero, a visão da causa feminista como algo radical e extremista leva mulheres do país a não se reconhecerem como participantes do movimento. Sharoni defende a criação de “lentes sensíveis ao gênero” (Sharoni, 1994) na contextualização das guerras do Oriente Médio. Para ela, essas lentes multidimensionais são fatores determinantes na interpretação e resolução dos conflitos:

As lentes sensíveis ao gênero nos permitem ver o conflito Israel-Palestina ao mesmo tempo como um catalisador dinâmico e como um desvio dos conflitos em torno de questões de identidade e comunidade dentro das comunidades palestina e judaico-israelense. (...) o gênero desempenha um papel importante, moldando as identidades individuais e coletivas, bem como as interpretações dominantes do conflito e as perspectivas de sua resolução (Sharoni, 1994, p. 22, tradução nossa)<sup>47</sup>.

O olhar atento aos desdobramentos dos conflitos entre Israel e Palestina, que já eram alvo de discussão no século passado, pode ser renovado por meio das questões de gênero. A socióloga explica que os dois países não falam o bastante da presença feminina nos movimentos históricos. Nos livros, a visão estereotipada das mulheres no Oriente Médio como figuras vulneráveis e sem voz impossibilita o conhecimento dos movimentos sociais criados por representantes do gênero feminino. Sharoni menciona o orientalismo como prática presente nos registros, dado que as mulheres do Ocidente são historicamente ressaltadas como pessoas fortes, capazes de defenderem o próprio país se preciso, e as mulheres orientais são reduzidas

---

<sup>47</sup> No original: “*Gender-sensitive lenses allow us to see the Israeli-Palestinian conflict both as a dynamic catalyst of and as a diversion from conflicts around questions of identity and community within both the Palestinian and the Israeli-Jewish communities. (...) gender plays an important role, shaping individual and collective identities as well as dominant interpretations of the conflict and prospects for its resolution*”.

às relações familiares, vítimas indefesas (Sharoni, 1994).

De Orte explica que nem sempre é fácil definir se uma atitude foi ou não machista. A dificuldade de conseguir determinados acessos e contatos, segundo ela, talvez pudesse ser a mesma para um homem correspondente. Na esfera religiosa, locais sagrados não apresentam fácil acesso. No Brasil as limitações femininas seriam mais identificáveis, uma vez que os jornalistas têm mais liberdade de ir e vir (De Orte, 2024). Embora as questões de gênero perpassem sua mente quando certas barreiras inviabilizam sua produção jornalística, a profissional também encontra novas possibilidades de atuação perante o imaginário feminino no Oriente Médio.

Por não ser vista como uma ameaça, e sim um ator passivo na sociedade (De Orte, 2024), as conversas com nativos são menos permeadas pela desconfiança. “(...) elas não têm medo de você do mesmo jeito que poderiam ter medo se um homem estivesse falando com elas. Veem o homem como alguém que pode ameaçar o estado social delas e a mulher não passa pela cabeça que poderia ser uma ameaça também” (De Orte, 2024)<sup>48</sup>. Lombardi (2018) reflete sobre as possibilidades estratégicas em ambientes culturalmente desfavoráveis para as mulheres:

Por exemplo, no Oriente Médio é mais fácil uma mulher ter acesso ao interior de uma casa ou a intimidade de uma família que um homem. Normativamente, a mulher produz menos desconfiança. Seu corpo não representa um corpo que ameaça, que assusta. O apelo feminino, a delicadeza e até mesmo a sensualidade podem favorecer o acesso das mulheres a locais mais restritos, embora o risco de assédio, de desrespeito e da violação do corpo seja iminente (Lombardi, 2018, p. 497).

#### **4.3. A linha de frente do combate à misoginia**

Ao longo da história, grupos de palestinas e israelenses que moram nas zonas em conflito atuam em movimentos em defesa da igualdade de gênero (Sharoni, 1994). No conflito atual, a luta permanece, e as mulheres desviam do papel de passividade construído pelo orientalismo. A correspondente internacional Paola De Orte, que é o rosto e a voz do jornalismo da TV Globo em 2024 no Oriente Médio, também combate o sexismo ao figurar um papel conhcidamente ocupado por homens. As semelhanças culturais da luta por respeito posicionam o gênero feminino na linha de frente de uma guerra de representações simbólicas.

O ativismo político das palestinas é, simultaneamente, incentivado e impedido pela presença dos militares israelenses. Elas, que pertencem a uma nação que luta para não ter suas

---

<sup>48</sup> Entrevista concedida à autora. On-line. Rio de Janeiro, 30 de outubro de 2024.

fronteiras ainda mais cerceadas, buscam avanços para toda a sociedade, e depois para o gênero feminino de forma exclusiva. A ocupação dos soldados em Israel e nos territórios da Palestina coíbe a liberdade do povo. Como podem, as mulheres resistem à realidade geopolítica que vivem (Daniele, 2021).

Em 1965, a Organização Para Liberdade Palestina criou a vertente União Geral das Mulheres Palestinas. No núcleo, cuidados voltados aos primeiros socorros e à alfabetização estruturaram o movimento feminino. A partir disso, as palestinas engajadas passaram a se definir como feministas. Na Primeira Intifada, rebelião de soldados israelenses contra grupos palestinos no final do século XX, donas de casa realizavam tarefas diárias, ignorando a opressão. A atitude de resistência não violenta ainda é adotada na Faixa de Gaza. No contexto palestino, “a maioria das mulheres ativistas compreenderam que não foi suficiente ganhar, apenas, consciência dos seus direitos e que, em vez disso, precisam de progredir com mudanças estruturais coletivas” (Daniele, 2021, p. 66).

As ativistas israelenses, que vivem outro contexto cultural, encaram a misoginia velada. Embora sejam encorajadas à integração das bancadas políticas, o cotidiano indica a realidade de uma sociedade patriarcal militarizada (Shalhoub-Kevorkian, 2009). De acordo com os papéis de gênero do país, muitas são consideradas “mães de soldados” e “mães da nação”, discurso que exalta as mulheres como figuras maternas, e desconsidera que elas ocupem lugares que não digam respeito ao elemento familiar na linha de frente da sociedade (Bercovitch, 1997). “A maternidade é definida como um papel público que tem significado nacional. E é por meio dessa noção de ‘maternidade como uma missão nacional’ que as mulheres são incorporadas ao Estado e não por meio das características universais da cidadania” (Bercovitch, 1997, p. 1, tradução nossa)<sup>49</sup>.

Daniele (2021) ressalta que os debates entre as ativistas palestinas e israelenses são reflexo das disputas territoriais das nações. Os pontos de tensão dificultam conclusões definitivas, mas movimentos como o *Jerusalem Link*, iniciativa criada em 1993 e atualmente encerrada, estimulavam políticas compartilhadas entre grupos de mulheres socialmente distintos. Enquanto as israelenses direcionavam suas falas às teorias feministas, o outro lado priorizava a luta nacional coletiva, que visa a emancipação da Palestina. O país não é

---

<sup>49</sup> No original: “*Motherhood is defined as a public role that carries national significance. And it is via this notion of “motherhood as a national mission” that women are incorporated into the state and not through the universal characteristics of citizenship*”.

independente, e demanda territórios como a Cisjordânia e Gaza.

(...) o debate crítico feminista sobre e entre mulheres palestinas e israelenses do *Jerusalem Link* ocorreu ao longo de um quadro marginalizado e discriminatório: dado que a assimetria entre o ‘ocupante’ e o ‘ocupado’ ainda persiste, o projeto foi interrompido. Por um lado, as mulheres palestinas têm confiado na transformação política da sociedade israelense, enquanto que as suas homólogas israelenses têm confiado na construção de pontes baseadas, mais, nas relações pessoais entre as mulheres de ambos os lados (Daniele, 2021, p. 67).

Nas suas redes sociais, Paola lê diariamente mensagens relacionadas ao seu trabalho em Tel Aviv. Os brasileiros que acompanham sua cobertura encontram na internet um espaço de contato com a jornalista. Comentários que questionam a ocupação do cargo de correspondente por uma mulher, como “Mas por que não tem mais aqueles homens de antigamente cobrindo a guerra? Por que a gente tem que ver ela falando sobre a guerra?” (De Orte, 2024) são frequentes nas mensagens diretas da profissional.

Ela garante que a opinião pública não reflete suas inseguranças internas, e ressalta sua completa segurança ao cobrir os conflitos. “Eu tenho domínio desse tema, não tenho nada em mim que me faça pensar, ‘se tivesse um homem das gerações mais antigas fazendo, seria muito melhor’. Muito pelo contrário. O tanto que eu tinha estudado, me dedicado para aquele tema, só acrescentava para a cobertura” (De Orte, 2024)<sup>50</sup>.

A resposta pública à presença de Paola nas matérias sobre a guerra revela o olhar social sobre as profissionais mulheres. Para Beauvoir (2016), a sociedade desconsidera a seriedade feminina, bem como a capacidade de tratar de temas complexos. “A mulher é vista como um ser inferior, condicionado por uma natureza que a limita, e por isso nunca é tomada a sério quando se propõe a ocupar um lugar de autoridade ou decisão na sociedade” (Beauvoir, 2016, p. 102).

A correspondente conta que, nos momentos de maior tensão Israel-Hamas, ela e a repórter Denise Odorissi, da emissora Record, eram as únicas profissionais que cobriam a guerra para o Brasil. Paola acredita que as duas representam novos caminhos para as futuras gerações, e analisa as reações negativas dos brasileiros: “Muitas pessoas podem não entender muito bem, ou até ficar incomodadas. Podem pensar em como que informações tão duras podem vir de alguém que elas veem esteticamente como mais suave” (Da Orte, 2024). De acordo com Veiga da Silva (2014), o jornalismo é reflexo das relações de poder e de gênero na

---

<sup>50</sup> Entrevista concedida à autora. On-line. Rio de Janeiro, 30 de outubro de 2024.

cultura.

As características pessoais e os atributos de gênero tanto dos jornalistas quanto das notícias a eles associadas davam pistas de que os valores culturais, pessoais e profissionais praticamente se embaralhavam (...). Em minhas observações, ao longo do tempo, ia ficando cada vez mais claro que gênero era constituinte não só das pessoas, mas também das notícias e da própria organização, (...) cujo topo – valor, poder e prestígio – era ocupado pelos atributos de gênero convencionalmente associados ao masculino (Veiga Da Silva; Marroco, 2014, p. 264).

Durante a cobertura jornalística, Paola não dimensiona o impacto do próprio trabalho. Ao receber mensagens positivas quanto à sua atuação no Oriente Médio, ela confessa que se sente pequena diante das consequências da guerra: “nem consigo ver muito desse jeito. Porque parece que eu sempre queria fazer mais e ter feito mais. É difícil” (De Orte, 2024)<sup>51</sup>. O relato das sensações vividas pela correspondente é paralelo aos testemunhos de Martha Gellhorn, Margareth Bourke-White e Kate Webb, mencionados no segundo capítulo desta pesquisa. As continuidades da sensação de impotência das profissionais são resultado da construção social da mulher como cuidadora do mundo (Beauvoir, 2016).

Você acompanha muito o sofrimento das pessoas. O jornalista tem esse trabalho social de ouvir as pessoas e de transmitir o que está acontecendo. Mas é inevitável que às vezes você se sinta muito impotente também, de não poder aliviar a dor dessas pessoas de uma maneira mais objetiva do que isso. No fim, acaba ficando uma sensação com relação a mim mesma, parece que eu estou devendo, sabe? Parece que o que eu fiz não foi suficiente, que eu deveria... A gente se cobra muito, e isso é normal de jornalista. Imagina uma jornalista mulher, né? Enfim, a gente já se cobra muito naturalmente (De Orte, 2024)<sup>52</sup>.

O repórter é definido como aquele que atua entre os telespectadores e o acontecimento (Ferrari; Sodré, 1986). Conforme aproxima a visão pública daquilo que se dá nos conflitos internacionais, o jornalista também entra na realidade das vítimas. A impessoalidade não é possível diante do compartilhamento do cotidiano com aqueles que vivem a guerra diariamente. Resende (2009) ressalta que, nas suas produções, “os jornalistas são personagens do texto, participam da cena sem que haja qualquer interferência no fato propriamente dito. A esperança dos jornalistas não os coloca a favor ou contra a guerra, faz deles observadores da cena. Não há possível isolamento, homem e mundo são partes do todo (... )” (Resende, 2009, p. 39).

Ao abordar o impacto pessoal do sofrimento alheio, Paola indica que trabalho e vida são indissociáveis durante o período de cobertura. Falar exclusivamente sobre mortos, feridos e cidades bombardeadas não parte apenas da perspectiva profissional, como também da sua visão

<sup>51</sup> Entrevista concedida à autora. On-line. Rio de Janeiro, 30 de outubro de 2024.

<sup>52</sup> Entrevista concedida à autora. On-line. Rio de Janeiro, 30 de outubro de 2024.

de mundo. Bem como as ativistas palestinas posicionam as lutas coletivas acima das teorias feministas, a correspondente que vive nas zonas de conflito enxerga problemáticas mais urgentes do que as questões de gênero.

Eu fiquei um ano cobrindo a guerra, falando sobre isso 365 dias, menos os dias que eu estava de folga, mas durante um ano inteiro eu fiquei falando só sobre esse tema. E são histórias muito trágicas todos os dias, por mais que a gente tenha ferramentas. Não tem como dizer que isso não vai, de certa forma, te trazer mais para baixo às vezes, até você saber quando precisa tirar um tempo para respirar, sabe? (De Orte, 2024)<sup>53</sup>.

---

<sup>53</sup> Entrevista concedida à autora. On-line. Rio de Janeiro, 30 de outubro de 2024.

## 5. Considerações finais

A partir dos tópicos analisados, é possível concluir que os desafios da mulher que cobre guerra permanecem ativos na sociedade. Ainda hoje, a correspondente não vive a mesma realidade do correspondente. Contudo, os avanços notáveis na cobertura de conflitos simbolizam a persistência feminina em mostrar novas perspectivas ao mundo, apesar das barreiras culturais e religiosas das sociedades orientais e ocidentais.

No início da sua história, o homem correspondente de guerra não foi acolhido nos espaços que lutou para ocupar. Mas como a guerra pertencia ao seu gênero, os percalços não eram relacionados ao papel social dos profissionais. O que os diferenciava dos soldados eram os uniformes e as armas. A atuação masculina na Guerra da Crimeia, na Primeira Guerra Mundial e na Guerra do Vietnã, analisadas nesta pesquisa, mostram o perfil dos desafios dos correspondentes, cujo caráter profissional não cerceava suas liberdades subjetivas.

As correspondentes, por outro lado, não lutavam apenas por um jornalismo sem censuras: se a guerra não pertencia às mulheres, a cobertura jornalística era limitada à perspectiva masculina. Tal realidade impedia a pluralidade de narrativas nos registros dos conflitos. Cobrir as zonas afetadas pelos combates, portanto, não era fácil para as pioneiras nessa atuação. A construção social da fragilidade feminina impedia que elas fossem levadas a sério, sendo assim, militares não aconselhavam sua ocupação na linha de frente. Por isso, era preciso encontrar possibilidades alternativas para a cobertura das consequências indiretas da guerra.

O *woman's angle*, estratégia criada por jornalistas com menor escopo de produção, possibilitou a construção de novos olhares sobre as vítimas dos confrontos entre países. O anonimato no envio das fotografias para revistas evitava o preconceito. Como não sabiam que os registros haviam sido captados pelo olhar feminino, os leitores aprovavam os trabalhos.

Ao abordar a presença das mulheres jornalistas na guerra, também é preciso observar aquelas que testemunharam os acontecimentos de perto. Os relatos das militares compõem outra perspectiva sobre acontecimentos históricos importantes. Quando contam o que viveram, na maioria das vezes sua intenção não é o protagonismo heroico. Se os homens crescem ouvindo que devem ser os salvadores, as mulheres não sentem a mesma obrigação. Depoimentos vulneráveis sobre o horror da guerra e a fragilidade humana constituem perspectivas enriquecedoras. O livro *A guerra não tem rosto de mulher* (1983) mostrou que, quando ouvidas, as mulheres apresentam pontos de vista pungentes. Basta ouvi-las.

Com a abertura progressiva do espaço da mulher na cobertura jornalística, estar na linha de frente passou a ser possível. Novos olhares foram colocados sobre as zonas de conflito, narrativas construídas pela bagagem social do gênero feminino. Personalidades como Gerda Taro e Kate Webb puderam espelhar suas características pessoais, como coragem e sensibilidade, no fazer jornalístico. As mulheres que cobriram guerra ao longo da história não seguiram um padrão de comportamento homogêneo. Suas vivências e decisões ampliaram a visão de mundo refletida no jornalismo.

Em comum, as entrevistadas ouvidas pela pesquisa afirmaram que suas vivências impactaram a produção das reportagens. De maneira indissociável, tudo aquilo que as mulheres abordadas experienciaram antes da cobertura contribuiu para o olhar direcionado ao Outro. Os entraves e as possibilidades que surgem devido ao próprio gênero foram identificados de formas diferentes por todas elas. Entretanto, nenhuma sentiu de forma direta que ser mulher foi um fator impeditivo da liberdade criativa durante as matérias que produziram.

As profissionais descreveram o ângulo feminino como um caminho possível para todos os jornalistas. Se antes essa era a única forma de elaborar uma reportagem para elas, hoje o olhar sensível às pessoas que são afetadas pela guerra parece seguir como tendência geral nas coberturas. A delicadeza, a vulnerabilidade, segundo as entrevistadas, não é mais questão de zombaria como foi na Primeira Guerra. Homens correspondentes substituíram a abordagem fria e estatística pela humanização das terras arrasadas. Os correspondentes, homens e mulheres, tornaram-se pontes para que a subjetividade do sofrimento humano seja refletida no jornalismo.

A enviada especial Lurdes Baeta elucidou a realidade profissional contemporânea no conflito ocidental mais recente. Suas vivências pré-guerra fundamentaram as decisões que tomou na Ucrânia. Quem entrevistou, o que escolheu colocar em palavras, aquilo que atraiu a sua atenção. Os brinquedos que observou ao entrar no prédio bombardeado, as fotografias de crianças, são traços do seu cotidiano redesenhados em outro país, em outro contexto.

A *fixer* Mariya Yanyska permitiu que este trabalho registrasse o ponto de vista de uma local na zona de conflito. Seus relatos sobre as vítimas da guerra são preenchidos pelo olhar de alguém que nasceu em solo ucraniano. As barreiras de gênero na cultura do país, que podem representar um empecilho para as correspondentes, integram a criação e o cotidiano de Yanyska. A entrevista com a profissional possibilitou a compreensão do papel cultural da mulher para além do que os artigos relatam.

A correspondente Paola De Orte representou a participação feminina nos conflitos mais recentes do Oriente Médio. Por ser brasileira, os exemplos que utilizou ao longo da entrevista,

bem como as distinções entre práticas culturais e religiosas, esclareceram a realidade em Israel. Sua firmeza ao destacar o próprio preparo na cobertura para o Brasil reforçou a capacidade intelectual necessária à correspondente.

O trabalho realizado não teve como pretensão de esgotar o tema, e diferentes pontos de partida poderão ampliar o estudo no meio acadêmico. Novos pesquisadores podem se dedicar ao apanhado histórico da atuação das correspondentes. Nomes pontuais foram citados, contudo, seria interessante conhecer com mais profundidade as mulheres que cobriram as principais guerras da história.

Não foram entrevistados homens correspondentes durante este trabalho. Uma pesquisa adicional, que leve em consideração a perspectiva e os desafios de correspondentes homens, poderia ajudar na compreensão dos avanços e das limitações femininas nas zonas de conflito.

Outra abordagem seria a análise quantitativa das correspondentes das guerras Israel-Hamas e Ucrânia-Rússia. Os dados encontrados possibilitariam uma nova compreensão a respeito dos avanços femininos. Neste trabalho, a perspectiva das mulheres foi priorizada. Uma interpretação voltada à análise dos conteúdos jornalísticos produzidos pelas entrevistadas poderia apontar tópicos de discussão não mencionados.

Esta pesquisa pretende ser uma contribuição para abrir novos caminhos para mulheres jornalistas em regiões de conflito. Ficou evidente que a competência profissional não é determinada pelo gênero e, portanto, não deveria ser um fator de diferenciação. Afinal, um bom jornalista aplica as próprias vivências ao que produz. A pluralidade de perspectivas permite que os correspondentes e as correspondentes sigam rumos diversos. A beleza da subjetividade no jornalismo objetivo reside na riqueza dos pontos de vista. Ser mulher impõe obstáculos, mas elas têm se mostrado capazes de gerar olhares ousados e importantes nas coberturas, incluindo o que vivem naquilo que registram. Como observado nos capítulos, a guerra é sobre as pessoas, homens e mulheres. O jornalismo, no fim das contas, também é.

## 6. Referências bibliográficas

- ALEKSIÉVITCH, Svetlana. **A guerra não tem rosto de mulher**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- BARBOSA, Marialva. Comunicação e história: presente e passado em atos narrativos. **Comunicação Mídia e Consumo**, 6(16), 11–27. 2010.
- BASSNETT, Susan. **Estudos de tradução**: Fundamentos de uma disciplina. Tradução de Vivina de Campos Figueiredo. Lisboa: Fundação Calouste, 2003.
- BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. Tradução de Hilda H. de Lima. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.
- BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. Tradução de Sérgio Millet. 3.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 2016.
- BERKOVITCH, Nitza. ‘Motherhood as a national mission: the construction of womanhood in the legal discourse in Israel’. **Gender & Society**, v. 11, n. 1, p. 5-22, 1997
- BIAGI, Orivaldo Leme. Imprensa, história e imagens: questões sobre a cobertura das guerras da Coréia (1950-1953) e do Vietnã (1964-1973). **Revista de História Regional**, [S. l.], v. 9, n. 2, 2007. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/rhr/article/view/2204>. Acesso em: 3 out. 2024.
- BOBBIO, Norberto. **Teoria geral da política**: A filosofia política e a lição dos clássicos. Tradução: Daniela Beccaccia Versiani. Rio de Janeiro: Campus Editora, 2000.
- BOURKE-WHITE, Margaret. **Portrait of Myself**. Mahony & Roese Inc, Nova Iorque: 1963.
- BUTLER, Judith. **Quadros de guerra**: quando a vida é passível de luto. Tradução Sérgio Tadeu de Niemeyer Lamarão e Arnaldo da Cunha. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015
- CARMONA, Ronaldo. A guerra na Ucrânia: uma análise geopolítica. **CEBRI-Revista**, Ano 1, Número 3 (Jul-Set): 88-111. 2022.
- CANEVACCI, Massimo. **Sincretismos**: uma exploração das hibridações culturais. Studio Nobel, 1996.
- CLANCE, Pauline Rose; IMES, Suzanne A. The Impostor Phenomenon in High Achieving Women: Dynamics and Therapeutic Intervention. **Psychotherapy: Theory, Research & Practice**, v. 15, n. 3, p. 241-247, 1978.
- COSTA, João Gabriel. **Jornalismo Feminista** – estudo de caso sobre a construção da perspectiva de gênero no jornalismo. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Jornalismo – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, 2018.
- COSTA, Marcela de Oliveira. **O repórter na zona de conflito**: o que leva jornalistas a cobrir guerra? UNICEUB. Brasília, 2014.
- DAMÁSIO, Antonio. **O erro de Descartes**: emoção, razão e o cérebro humano. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

DA SILVA, Thais Andressa; LOMBARDI, Kátia Hallak. **Fotógrafas na linha de frente**: reflexões sobre o gênero na fotografia de guerra. XXIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste. Universidade Federal de São João Del-Rei. 2018.

DAVID, Hadassa Ester. **Guerra e Narrativa**: Um estudo dos relatos jornalísticos de Martha Gellhorn. Universidade de Brasília, 2014.

DANIELE, Giulia. Movimentos de mulheres na Palestina e em Israel: práticas, lutas e desafios internos. **Movimentos de mulheres na Palestina e em Israel**: práticas, lutas e desafios internos, p. 66-67, 2021.

DE LIMA, João Ubiratan; PHILIPPINI, Ruth. Israel e Palestina: da “Terra Santa” a um território em conflito. **Revista Ciência Contemporânea**, v. 2, n. 1, p. 163-180, 2017.

EAGLETON, Terry. **Depois da teoria – um olhar sobre os Estudos Culturais e o pós-modernismo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2005.

ELDRIDGE, Lawrence Allen. **Chronicles of a two-front war**: Civil rights and Vietnam in the African American press. University of Missouri Press, 2012.

FERRARI, Maria Helena. SODRÉ, Muniz. **Técnicas de Reportagem – notas sobre a narrativa jornalística**. São Paulo: Summus, 1986.

FREITAS, Mauricio Ferreira. **A fotografia de guerra como documento**: Robert Capa e Gerda Taro na Guerra Civil Espanhola (1936-1939). Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo. 2018.

GELLHORN, Martha. **A Face da Guerra**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

GOMES, Nadirlene; DINIZ, Normélia; CAMARGO, Climene; SILVA, Marieve (2012). Homens e mulheres em vivência de violência conjugal: características socioeconômicas. **Revista Gaúcha De Enfermagem**, 33(2), 109-116. 2012.

HAJJAMI, Aïcha. A condição das mulheres no Islã: a questão da igualdade. **Cadernos Pagu**, p. 107-120, 2008.

HOFFMANN, Joyce. **On Their Own**: Women Journalists and the American Experience in Vietnam. Da Capo Press, 2008.

KNERR, Kelli. **Marguerite Higgins**: Making War Accessible to the Masses. 2019.

KNIGHTLEY, Phillip. **A primeira vítima**: o correspondente de guerra como herói, propagandista e fabricante de mitos, da Criméia ao Vietnã. Tradução Sônia Coutinho. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978.

LIMA, Eduardo. **Páginas ampliadas**: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. 5. ed. Barueri: Manole, 2009.

LIOHN, André. **Correspondente de Guerra**: os perigos da profissão que se tornou alvo de terroristas e exércitos. Editora Contexto, 2016.

LOMBARDI, Maria das Graças. **Mulheres, Gênero e Sociedade**. 1. ed. São Paulo: Editora XYZ, 2018.

LYNCH, John; McGOLDRICK, Alistair. **The Reporting of Conflict**: The Ethics of News Reporting in War Zones. London: Routledge, 2005.

MACHADO, Flávio Duarte; DA SILVA, Eduardo Sol Oliveira. O poder aeroespacial russo nas estratégias aéreas coercitivas da Guerra da Ucrânia, entre fevereiro e outubro de 2022. **Revista Brasileira De Estudos Estratégicos**, v. 15, n. 29, 2024.

MARCHETTO, Arthur. **Vozes anônimas da União Soviética**: o trajeto estilístico de Svetlana Aleksiévitch. Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, v. 16, 2018.

MEDINA, C. **Notícia, um produto à venda**. São Paulo: Summus, 1988.

MIGUEL, Katarini.; DE AZEVEDO, Ana Laura Menegat. Perspectiva de gênero em debate: subjetividades de um jornalismo localizado. **Revista Brasileira de Estudos da Mídia**, v. 2, n. 1, 2024.

MORETTI, Marco Aurélio Morrone. **A ética no jornalismo**: o jornalismo em tempos de guerra. ReMark-Revista Brasileira de Marketing, v. 3, p. 89-102, 2004.

ORTNER, Sherry. **Está a mulher para o homem assim como a natureza está para a cultura?** A mulher, a cultura, a sociedade, p. 95-120. Editora Paz e Terra. 2012.

OSORIO, Ana Cristina de Moraes Vivas. **Women's angle**: a atuação de jornalistas mulheres em coberturas de guerra. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação - Jornalismo) - Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

PEIXOTO, Ana Carolina. História do jornalismo de guerra em importantes conflitos históricos. **Revista Discente UNIFLU**, n. 1, v. 1, jul./dez. 2020 - Edição inaugural. 2020.

PERAZZO, Priscila Ferreira. Narrativas orais de histórias de vida. **Comunicação & Inovação**, PPGCOM/USCS, v. 16, n. 30, p.121-131, jan./abr. 2015.

PORTELLI, Alessandro. Tentando aprender um pouquinho. **Revista Projeto História** nº 15, São Paulo, ed PUC-SP, Abril. 1997.

RAMOS, André de Carvalho. **Processo internacional de direitos humanos**: Análise dos sistemas de apuração de violações de direitos humanos e a implementação das decisões no Brasil. Rio de Janeiro: Renovar, 2002.

RESENDE, Fernando. O Jornalismo e suas Narrativas: as Brechas do Discurso e as Possibilidades do Encontro. **Revista Galáxia**, São Paulo, n. 18, p.31-43, dez, 2009.

ROUCHOU, Joëlle. **Ouvir o outro: entrevista na história oral e no jornalismo**. Trabalho apresentado no Núcleo de Jornalismo, XXVI Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Belo Horizonte/MG. 2003.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **O Contrato Social**: princípios do direito político. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

SAID, Edward. **Orientalismo**. Nova Iorque: Pantheon Books, 1978.

SANTOS, Claudia. A mulher no Oriente Médio e o Feminismo Islâmico. **Conjuntura Global**, v. 3, n. 4, p. 210-217, 2014.

SANTOS, Heloisa Souza. **Jornalismo e Fotojornalismo de guerra**: a visão dos conflitos por mulheres jornalistas - Iniciação Científica Cesumar, 2015.

- SEN, Amartya. **Desigualdade e desenvolvimento humano**. 1. ed. São Paulo: Cia. das Letras, 1999.
- SCARPATI, Arielle; CECCONELLO, William; BERNARDES, Mônica; BIANCHINI, Sabrina; STEIN, Lilian. Ouvir, respeitar, proteger: recomendações para entrevista com mulheres vítimas de violência sexual. **Revista Brasileira de Direito Processual Penal**, vol. 9, n. 3, p. 1257-1296, set./dez. 2023.
- SCHLEIERMACHER, Friedrich. **Sobre os diferentes métodos de tradução**. Clássicos da teoria da tradução. (tradução Margarete Von). Florianópolis: UFSC. Núcleo de tradução, v.1 p.27-87. 2001.
- SILVEIRINHA, Maria João. As mulheres e a afirmação histórica da profissão jornalística: contributos para uma não-ossificação da História do jornalismo. **Comunicação e Sociedade**, v. 21, p. 165-182, 2012.
- SHALHOUB-KEVORKIAN, Nadera. **Militarization and violence against women in conflict zones in the Middle East**. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.
- SHARONI, Simona. **Gender and the Israeli-Palestinian conflict**: The politics of women's resistance. Syracuse University Press, 1995.
- SOCHACZEWSKI, Monique.; NOTARI, Maria. Helena. As vítimas brasileiras dos ataques terroristas do Hamas de 7 de outubro de 2023. **CEBRI-Revista: Brazilian Journal of International Affairs, /S. I.J.**, n. 10, p. 126–143, 2024.
- TOPEL, Maria Fernanda. As leis dietéticas judaicas: um prato cheio para a antropologia. **Horizontes Antropológicos**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 19, p. 203-222, 2003.
- TRINDADE, Eugênio. **Conversas com tradutores**: balanços e perspectivas da tradução. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- VALENCIO, Nora. Entre sirenes, rotas de fuga e exercícios de simulação: vida cotidiana sob os riscos de desastres. **Saúde Em Debate**, 44(spe2), 20–32. 2020.
- VEIGA DA SILVA, Márcia; MORAES, Fabiana. **A objetividade jornalística tem raça e tem gênero: a subjetividade como estratégia descolonizadora**. In: Anais do 28º encontro anual da Compós, 2019, Porto Alegre. Anais eletrônicos... Campinas, Galoá, 2019.
- VEIGA DA SILVA, Marcia; MARROCO, Beatriz. O feminino no “livro de repórter”: Uma mirada epistemológica de gênero sobre as 212 práticas jornalística. **Brazilian Journalism Research**: v. 14, nº 1, Brasília: SBPJor, 2018.
- VIEIRA, André Luiz Valim. Conflito Israel-Hamas e as Fraturas do Direito Internacional: Entre a Guerra e a Paz Positiva no Direito dos Conflitos Armados. Campos Neutrais: **Revista Latino-Americana de Relações Internacionais**. Rio Grande. V. 6, N. 1. P. 19 -39 – Jan-Abril 2024.
- WHITE, Ted. **Jornalismo eletrônico**: redação, reportagem e produção. 4a. Ed. São Paulo: Roca, 2008.
- ZARETSKY, Natasha. Women Journalists and the Vietnam War. **Reviews in American History**, Project Muse, vol. 38 no. 4, p. 748-752. 2010.

## 7. Apêndices

### 7.1. Apêndice A: Entrevista com Yasnyska Mariya

Entrevistada: Yasnyska Mariya, fixer ucraniana

Data da entrevista: 13 de setembro de 2024

**P1: I would appreciate it if you could share your journey into the field of conflict reporting. Specifically, how did you begin your work as a fixer?**

R1: *So, you know, when the war broke out, I thought I would be jobless because, you see, who would need English when you can lose your life, your loved ones, or I don't know, your home. When the war began, all of the sign businesses closed for a couple of weeks. Two or three, like, or even a month. And I thought that I wouldn't have a job anymore. So I would need to find something else. And that was one thing. I came across a community where just you could become like a fixer.*

*You could help foreign journalists, organize everything, work with them. So I joined, found some journalists from Brazil, then from Portugal, France, other countries. And I worked as a fixer for a couple of months. So it was just at the beginning of war. But I really loved it.*

**P2: And did you have to sacrifice some part of your life in order to do that kind of work?**

R2: *Not really. Fortunately, I reopened my school. We were only closed for a few weeks. We continued working online. And before the war, I wanted everything at my school to work without me. And I can say that I succeeded in it. Teachers worked online. Of course, I had to answer messages, but it took like maybe, I don't know, maybe five hours a week. So I could really invest my time into something else. And back then I didn't have a kid, so I could stay.*

*I could also do some other things. Because, you know, at the beginning of war, everybody wanted to help. So, or cook something, or we had this thing with nets that you put, like make nets, protective nets. And honestly, I didn't know what I could do. So I just found this, and I realized that it was really useful because I could, I don't know, translate. I could show the world*

*what was happening. So, because for me, it was really important. So I didn't know if I sacrificed. Like for me and for my mental health, it was also very, very helpful.*

*Because, you know, when you're reading the news and those news are, wow, terrifying. At Mariupol, people were killed inside their homes, which collapsed and nobody could help them, could save them. And just doing that, I could focus on working more, and it really helped me a lot.*

**P3: Back then, were you aware of the impact of your role?**

*R3: I tend to underestimate myself. And even when Matias asked me whether I'd like to become a fixer or not, I told him, "are you asking about me? Maybe I should find somebody else." Okay, Maria, what are you saying? Because we really did, we made very good stories.*

*Because back then, we had thousands or, I don't know, tens of thousands or hundreds of thousands of refugees in Lviv. And in my city, they were coming here, staying and deciding whether they would stay or move abroad. And people took only their beloved ones, animals, a few other possessions, and they left everything. You know, those people were successful, they came here.*

*And also, at that time, the Kyiv region, like the Kyiv, our capital city, was attacked. And this is probably one of the richest regions in Ukraine. I couldn't imagine what they lost, their beautiful homes, their beautiful lives. Everything they had. And they just took it. I still remember the stories they made.*

**P4: What was your strategy in order to just start and find people for the journalists?**

*R4: For example, a journalist would tell me, "I would like to make a story in a school because the refugees live in schools, they stay there. So I would like to interview a school principal or a school teacher." I'd say, "okay, so just give me five minutes." And since I've been working in education, I have a big network of connections, like everywhere. I'm good at networking. So for me, it was easy. And also I used to work at a school. I remember who worked there, who worked, as a doctor, for example, yeah. Or a soldier, or military. So I could easily find those*

*people and besides such, I don't know, specific assignments, we could just talk to a person in the street, asking, "would you like to talk? Would you like to share your story?" And usually those stories were enough. You know, people fled and they wanted to talk.*

*They wanted the world to know what was happening in their city, in Kiev or in Bucha or in Irkutsk. So we just interviewed them. Almost all stories were very powerful.*

**P5: And was there a difference between the perspective of male and female journalists?**

*R5: It really depended on the person, but I really loved working with a female journalist from Portugal because she looked for some unusual stories. Once, she told me, "I've seen now that journalists have covered many cases, many stories, but I would like to do something unique. I would like to go to the city market and talk to people there." So it was her idea because usually the people there, they are coming from maybe smaller villages, selling food. She wanted to show what life looked like. How war affected those people.*

**P6: Was there any benefit that came from being a female rather than a male fixer?**

*R6: A lot of male journalists that I worked with wanted to interview women who had been raped. And in those cases I was there as a translator, not as a fixer. We once had a short interview with a woman that wasn't ready to talk. So I thought it would be like a bigger story, but it turned out to be rather shorter.*

**P7: Could you share a significant experience from your time as a fixer in a conflict zone? Perhaps a particular story that had a profound impact on you and influenced your perspective?**

*R7: I think about a man who took his parents because his father was paralyzed. He wasn't able to walk, to move. And, you know, he took his parents and two cats. And I didn't ask him about his, whether he was married or not. So just didn't have a chance. And he was calm. He was supportive. He talked to other people. There were, I don't know, different people. Some were shocked. Some were unable to talk. Some cried.*

*And people were messy, of course. He was very focused. Imagine living in a beautiful Hollywood house because that's where he lived. And he would move to a small village in my region to live in a very, very simple, basic house. And he was completely okay with that. He would say, okay, that's fine.*

*The man could accept help, because not everybody could accept help from other people. That kind of person is too proud to do it. And then sometimes they got angry because they couldn't do it by themselves.*

**P8: In your opinion, if you were a man, would you work differently? Would your perspective be different?**

*R8: I don't even know, because at the same time, my husband also worked as a fixer. We covered really similar stories, but it's rather dependent on what we were told to do. Because when we worked with different journalists, we received different tasks. So we were not the ones who were choosing what to do. So it's really dependent on the person who was giving us tasks.*

*Probably I would, because I also got an offer to go to work in Kyiv as a fixer, and I declined it. I can say I was scared. It was not a kind of irrational fear. It was pretty rational, because I didn't know anybody in Kyiv. And also some journalists were killed, the fixers were killed back then. And I thought, okay, I would go there, go somewhere without knowing whether it was safe or not, and get killed.*

*And also I was responsible for other people's lives. Probably if I were a man, I would go. I think so. Because still, if you're a woman, it's not so safe. And that's what I thought back then. I wanted to do it, but I was afraid for my life and other people's lives.*

**P9: And what would you say to a woman that's trying to become a war fixer?**

*R9: At the beginning of war, I just realized how important it was to be able to drive. Not just to a fixer woman who wants to become a fixer, but to any woman. Because here in Ukraine we have many women drivers, but still among my friends, I can hear things such as: "I don't want to drive. My hubby will drive me wherever I want, or I could take a taxi."*

*It comes from previous times where our mothers probably didn't want to drive because women drivers were considered bad drivers. So now everybody realized that it's an important skill and also being able to speak different languages. By doing so, you will drive across the border also, because many men couldn't cross the border and speak and be able to communicate, to translate.*

**P10: What specific advice would you offer to women working as correspondents in Ukraine?**

*R10: The female journalists I met were very, powerful personalities. And they just also inspired me in many ways, how well they could speak in front of the camera, they were not afraid. They were fearless. Now, what I'm thinking, I admire fearless women. A lot of our upbringing is saying that you have to be quiet, you have to be silent, you have to. You have to listen to your husband always. When I was a kid, I could hear these phrases quite a lot.*

*Sometimes we joke that we are the cycle breakers, because our generation does things differently than our parents did. We just decided to divorce. I mean, like not being afraid to do some things our mothers would be afraid of, because they would think, "what would people say if we do it?" It's good to know that we now also have female journalists and they are great. They are expressing, voicing their thoughts, expressing their opinions.*

**P11: Did you observe a disparity in the number of male versus female journalists in the field? Was there a sense of gender equality among the correspondents?**

*R11: Of course there were more men, because many journalists didn't stop in Lviv, in the city where I live. This city is far from the front line, close to Poland, to the border. And the front line was, I don't know, many, many kilometers away. And now when you're asked, I like, I can just tell you that many of them were men. So maybe they were more willing to take risks. So they went to some very dangerous places.*

*So now when I'm thinking about it, I really cherish those memories. As we talked, it helped me cope with things that happened at the beginning of war. Also, when I worked as a fixer, I realized that I could do more than I was doing. Because when you have your own small*

*business, you get very cozy and you just don't have enough challenges. And I realized that I want these challenges. And then I started to work and help some voluntary animal charity organizations for months.*

*I did this and then I got pregnant. And before I found out that I was pregnant, I prepared a CV and I wanted to apply for jobs in humanitarian organizations. Because I thought I would also be a good fit for them because of what I would do.*

*I didn't want to have kids for a very long time. I can say that I was very child free, but I loved my life as it was. It was very good. We had very good lives, we traveled a lot. We did the job which we loved. I had that privilege to do what I liked. But then with all these things happening, everything changed. It changed my mind about many things, really many things.*

## 7.2. Apêndice B: Entrevista com Lurdes Baeta

Entrevistada: Lurdes Baeta, repórter portuguesa na Ucrânia

Data da entrevista: 23 de setembro de 2024

### P1: Como sua carreira no jornalismo de guerra foi iniciada?

R1: Na verdade, não sou jornalista de guerra. Tenho o meu nome de carreira, eu já sou jornalista há 30 anos, tenho 53 anos, e esta foi a primeira vez que me foi proposto ir. A partir de 2003, comecei a ser pivô, e depois, uns anos mais tarde, comecei também a editar jornais, portanto, a minha carreira está, sobretudo, sustentada nisso, já fiz de tudo um pouco, mas coordenação e pivô, era, basicamente, o que eu fazia mais.

Mas, quando acontecem... acontecem acontecimentos, desculpa a repetição, quando há acontecimentos importantes, normalmente as redações em Portugal, mandam também os pivôs para esses locais, sobretudo, se têm alguma experiência de reportagem, não é? Porque eu tive muitos anos de experiência de reportagem. E, portanto, já fiz muita coisa, já fiz encerro, já fiz cheia, já fiz coisas acontecerem em toda a parte do mundo, mas guerra foi a primeira vez, em 2022, que me propuseram, e que a minha direção me propôs a ir para a Ucrânia. E eu, nem pensei... Eu tenho três filhos e, na verdade, nem pensei duas vezes e disse logo sim, porque aquilo tinha acabado de acontecer.

Quando me foi proposto, foi mais ou menos uma semana antes disso, me disseram, “olha, é para ir” no sábado e era para ir, sei lá, sexta-feira. E nem sequer considerei dizer que não, só depois avisei o meu marido. Claro que eu queria saber o que é que se estava a passar lá com os meus olhos, que é isso que os jornalistas querem fazer. E contar a história que eu pudesse ver em primeira mão.

### P2: E qual foi a sua primeira impressão no ambiente de guerra?

R2: Primeiro é que foi muito difícil chegar lá. Para mim e para toda a gente, não havia aviões a circular. Portanto, demoramos muitas horas. Eu fui com o repórter de imagem e demoramos muitas horas a chegar lá. Ou seja, eu fui de avião, depois fiz três horas num carrinho que

alugamos um senhor para nos levar, entrámos pela Polônia, nessa fronteira da Polônia para o Lviv. Ainda fiquei dois dias em Lviv porque tínhamos ainda uma equipe em Kiev que estava a vir embora. E eu, basicamente, depois fui render essa equipe que estava em Kiev.

Ainda fiquei dois dias em Lviv e depois fizemos uma viagem de 14 horas de comboio a atravessar a Ucrânia, que é enorme, não é? Atravessamos então a Ucrânia e chegámos a Kiev que parecia uma cidade fantasma cheia de postos para passarmos de ruas para ruas. Tinham aqueles check-in points com os soldados lá e todas aquelas estruturas de cimento para os carros não conseguirem atravessar, porque os carros tinham que dar uma de volta.

O nosso trabalho a seguir era ir mais além. Era avançar para as cidades perto de Kiev, Bucha, etc. E já havia aquelas imagens dos mortos em Bucha. Mas foi aquele período em que primeiro não se sabia se ainda havia ou não militares russos à volta de Kiev, era uma situação muito arriscada e imponderável, e não sabíamos exatamente o que é que estava a acontecer.

E nosso motorista estava muito calmo, fazia aqueles caminhos que às vezes tinham que sair da estrada. Fazia uns caminhos diferentes para conseguir atravessar, porque estava tudo absolutamente esburacado e as pontes não funcionavam, etc. E o meu repórter de imagem, o Miguel Bretiano, era muito calmo também. E nenhum de nós tinha muito medo. Ou seja, nós tentávamos sempre mais um bocadinho, avançar mais um bocadinho e tentar falar com eles para ver se conseguíamos passar. Tínhamos tudo que era preciso para passar os check-points, tínhamos as autorizações do governo ucraniano. E por isso, portanto, a chegada foi para já uma cidade incrível. Estava tudo fechado. Era uma cidade fantasma. E depois as sirenes claro, não é? Já passaram dois anos e quando ouço sirenes, ainda fico arrepiada, porque as sirenes indicam que vai acontecer qualquer coisa e são muito fortes, é o que se ouve a todo lado. Eu trabalhei durante três semanas ouvindo as sirenes. Aconteceram, alguns bombardeamentos em Lviv.

Esse é o ambiente de guerra, mas isto da destruição é triste, não tinha água, não tinha luz. Só ficaram os velhos, os pobres que não conseguiam sair, as famílias que conseguiam sair, saíram como nós vimos, o eixo menor para toda a Europa, mas também estão os que ficam, não é? Que são sobretudo aqueles que não têm forma de sair, ou não têm carro ou não têm dinheiro, porque precisariam de dinheiro para sair de Lviv para um outro país. Os militares russos andaram à volta da cidade, eles fizeram um centro e foi aí que mataram pessoas e que estiveram mesmo,

fisicamente lá e prenderam pessoas e andavam nas ruas e mataram pessoas e largaram-nas lá. Eram os vizinhos que as enterravam nos quintais dos prédios. O mais impactante quando se fala nisto, é que nós falamos com as pessoas, nós estamos lá e queríamos saber o que aconteceu.

**P3: Qual era seu foco ao cobrir a guerra?**

R3: Eu não queria falar sobre o tipo de armamento que havia ali, o tipo de tanques. Eu queria saber o que é que se passava com as pessoas que ficaram lá. Os filhos e os netos de alguns fugiram, e eles ficaram para trás. Em outros casos ninguém fugiu, as famílias todas ficaram ali. Eu queria saber o que é que aconteceu e como é que as pessoas estavam e o que iriam fazer dali em diante.

Uma guia arranjou-me os personagens. Os ucranianos não falam inglês, então eu fazia a pergunta baixinho em inglês, e ela fazia a pergunta à pessoa e ao mesmo tempo que a pessoa respondia, ela ia-me dizendo o que é que a pessoa estava a dizer portanto era muito imediato, eu conseguia conversar com as pessoas assim.

Precisamos ouvir a história, portanto a história tem que ser contada. Sobretudo que eu tentei fazer nessas reportagens foi contar a história daquelas pessoas sem nenhum tipo de preconceito; contar a história e explicar muito bem. Explicar de uma forma clara e minuciosa aquilo que eu própria senti quando entrei num prédio todo em ruínas. Lá moravam pessoas. Em certo apartamento vi as coisas nas gavetas, molduras de filhos em cima da mesa de cabeceira, brinquedos num quarto de criança. E o prédio estava sem qualquer janela, está todo arrebentado, e a parte da cozinha nem sequer existia.

**P4: Você acredita que suas vivências impactaram seu trabalho na Ucrânia?**

R4: Acho que sim, não só as minhas vivências mas também as minhas vivências jornalísticas. Eu fiz uma reportagem com uma senhora, sobre não haver pontes em Irpin (cidade de Kiev), a ponte arrebentou e as pessoas todas tentaram fugir por entre uma ponte toda partida com os soldados a ajudar. Por isso, não havia ponte, os carros não passavam ou quase não passavam, havia um checkpoint muito duro a não deixar passar, porque não se sabia se havia meninas,

deixaram-nos passar nós como jornalistas, mas a maior parte das pessoas muito dificilmente passavam.

E então, quando estávamos nós jornalistas a atravessar a ponte, vimos uma senhora de 70 e tantos anos, quase 80, com uma malinha a andar a pé e a fazer 2km, porque não havia ponte entre os caminhos e a estrada. Fomos lá falar com ela e descobrimos então o que é que ela trazia na malinha, trazia plásticos para tapar as janelas, fita e cola para tapar as janelas, não queria que entrasse chuva. Isto é o pormenor é aquela janela, quando a gente chega lá tem que olhar para tudo.

As minhas vivências enquanto jornalista impactam em tudo o que eu faço. Nós temos uma intuição jornalística então depois de fazer muitas coisas já sabemos mais ou menos se aquela história pode ser boa ou não. Eu por exemplo, durante meses não conseguia contar uma das histórias, começava logo a chorar. Nós fomos para um dos bairros de Busta, era uma coisa mais à parte uma cidade meio rural e lá um rapaz de 14 anos foi morto pelos militares russos porque estava a família toda e os vizinhos na garagem. Quando os militares russos começaram a dizer para saírem ou para ficarem, o rapaz abriu a porta e correu, e atiraram nele. Eu tinha um filho exatamente da mesma idade na altura de 14 anos. Nós falamos com a avó quando o menino tinha acabado de ser retirado da terra, dava para ver o local em que tinha morrido. Essa vó contou-me como era a personalidade dele.

Uma coisa é ouvir uma história, outra é ouvir a pessoa que viveu a vida toda com aquele ente querido. Por ter um filho da mesma idade, sabia que se a minha mãe falasse sobre ele, ia dizer que era um miúdo super inteligente e que gostava de jogar com o computador porque isto são coisas completamente ocidentais. As guerras são estas pessoas que desaparecem, que morrem nesta injustiça tremenda. Estas pessoas nunca vão perdoar o que aconteceu, nunca, nunca, jamais. Porque perderam filhos, pais, avós. Durante um mês eles tiveram os mortos enterrados à porta, sem saber o que ia acontecer, portanto, é um trauma discriminado. Eu percebi que era isso que precisava contar. Nós temos de falar sobre as vidas, não só sobre os números, porque a guerra é feita dessas pessoas.

**P5: Em relação à guerra, você acredita que hoje em dia mulheres ainda precisam encontrar uma perspectiva diferente dos homens, o *woman's angle*?**

R5: Acredito que tenha a ver com a intuição jornalística de cada pessoa e com a sua própria vida. Há homens ultrasensíveis para aquilo que nós consideramos o ângulo das mulheres, e também há mulheres que não são muito sensíveis para isso e que querem falar de outras coisas. Nas redações, as jornalistas que vão à guerra normalmente são mulheres que são escolhidas porque confiam que vão fazer um bom trabalho, não vão morrer, não vão querer vir embora.

São mulheres que quando querem fazer uma coisa vão conseguir o que querem. Estou a dizer isto porque como também líder redações eu sei que não posso escolher uma pessoa muito frágil para fazer certas coisas, não vai correr bem. Também há homens frágeis, medrosos. Sou uma mulher de 53 anos, fui educada de uma certa maneira, sou mãe de 3 pessoas, terei sempre um ângulo diferente de um homem solteiro de 20 anos, não tenho dúvida. Mas também terei uma perspectiva diferente de uma mulher solteira de 20 anos, portanto, acho que tem mais a ver com a vivência da pessoa, com a intuição jornalística da pessoa.

**P6: Você sentiu que teve alguma facilidade ou dificuldade de entrevistar alguém por ser uma mulher jornalista?**

R6: A única coisa que eu senti é que, num local em guerra, o fato do nosso carro jornalistas ter duas mulheres e dois homens, sendo que era eu mais uma loura e dois homens com um ar não ameaçador, pode ter facilitado a passagem nos *check-points*, porque nós não tínhamos um ar ameaçador. A Ucrânia é um país um bocadinho machista nesse sentido, por exemplo, na estação de comboios de Kiev eu quase não toquei nas malas porque os homens todos à volta vieram-me ajudar a levar as malas, enquanto meu colega de trabalho não foi ajudado.

Conversei com uma enfermeira que confirmou que, no país, as mulheres ainda querem muito ficar em casa e os homens é que trabalham e sustentam. Neste cenário as mulheres não constituem ameaça, essa é a mentalidade dos soldados. Isso nos ajudou muito em muitas situações, porque não éramos uma ameaça e eles deixavam-nos passar. Logo no primeiro dia fizemos uma manobra proibida na estrada. Um militar foi falar conosco, dissemos umas piadas e ele riu-se e foi-se embora.

**P7: Caso tivesse a chance, você cobriria guerra novamente?**

R7: Quando voltei da Ucrânia, vi que os meus pais, que são muito velhos, já têm 80 anos, sofreram muito com a minha partida. A minha mãe pediu para que eu não fosse para lá de novo. Não contei isso para minha chefia, apenas para amigos e colegas. Eu espero que não me peçam, porque se me pedirem, eu vou ter que dizer que sim. Isso preocupa muito a família, é muito desagradável, eles já têm uma certa idade e para quem fica é mais difícil. Para quem fica, é sempre mais difícil.

### 7.3. Apêndice C: Entrevista com Paola De Orte

Entrevistada: Paola De Orte, repórter brasileira em Israel

Data da entrevista: 30 de outubro de 2024

#### **P1: Como começou a sua jornada de correspondente de guerra?**

R1: Faz bastante tempo já que eu tinha um interesse intelectual na questão do conflito Israel-Palestina. E eu já tinha passado vários anos estudando esse tema, já tinha lido todos os livros, até que em um determinado momento, quando eu fui para lá, eu comecei a trabalhar para a Globo News.

Naquele momento, a gente já dava, tinha às vezes, conflitos pontuais. Mesmo quando eu cheguei, no começo de 2021, dois meses depois, teve um micro conflito de 10 dias, 11 dias. Ali é uma região que sempre está acontecendo muita coisa, né.

Claro que eu fui para lá, talvez já achando que poderia haver um momento em que um conflito maior pudesse acontecer, embora, claro que eu não tinha como saber que ia ser algo dessa magnitude, porque ninguém tinha como saber, ninguém estava esperando um conflito desse tamanho, com essas consequências tão trágicas.

De certa forma, dá para dizer que eu me preparei para isso, para virar correspondente de guerra, porque eu já tinha mergulhado num tema que tinha esses aspectos, né, do conflito, da violência, etc. Mas eu também sempre fui um pouco mais da área da política internacional, tanto que eu fui correspondente nos Estados Unidos antes.

Não é que eu era exclusivamente focada em conflito, foi uma área que eu acabei dedicando muito, né, no último ano da minha energia, do meu trabalho, etc., mas eu também já trabalhei com outros temas de geopolítica, relações internacionais. Eu não posso te dizer, assim, que foi uma coisa também que apareceu completamente de surpresa, entende? Porque eu sabia que alguma coisa poderia acontecer em algum momento.

#### **P2: A diferença cultural do Brasil e de Israel impactou o seu trabalho de alguma forma?**

P2: São muitas diferenças, né? Israel é um país mais conservador socialmente e culturalmente em vários aspectos comparando com o Brasil. Tem um aspecto até de uma juventude que é socialmente conservadora muito forte, que é um aspecto completamente diferente do Brasil, que quando a gente vai ver, por exemplo, as camadas mais conservadoras da sociedade são as camadas que não ficam tão na juventude, né? Então, em Israel isso é um movimento social muito forte e que mexe muito com a sociedade porque tá vindo justamente das pessoas mais jovens.

E também essa questão da religião, claro, é muito presente lá, coisa que, apesar disso aparecer no Brasil também, nos nossos temas públicos, lá é uma coisa que fica muito mais evidente, né? Então, você tem até choques culturais, assim, no sentido de que, por exemplo, no Brasil a gente tem a nossa semana, e o domingo é um dia de descanso, mas em geral, o comércio funciona. Em Israel, na maior parte do país, realmente tudo para porque tem regras religiosas que influenciam muito nas decisões nacionais. Então, por exemplo, se eu precisasse fazer uma pauta na sexta-feira de tarde, era muito difícil porque sexta-feira de tarde iniciava o *Shabbat*, que é da religião judaica, é o dia de descanso deles, que vai do entardecer da sexta até o entardecer do sábado e simplesmente não tinha transporte público.

Dentro de Tel Aviv, até eles tinham umas exceções, porque Tel Aviv é uma cidade mais progressista, em que eles tinham lá os ônibus que funcionavam dentro da cidade e tal, mas se você precisasse ir para um outro lugar era muito mais complicado. Então, é uma sociedade muito diferente do Brasil, com certeza, e ela é diferente nesse sentido de que você tem grupos religiosos muito definidamente separados. Você tem ali na região, se você pegar a região inteira, você tem israelenses judeus, israelenses árabes e aí você tem os palestinos. Entre os palestinos você tem palestinos cristãos e palestinos muçulmanos, que são diferenças que você consegue ver muito claramente. No Brasil a gente tem uma sociedade que as pessoas misturam essas características. Não vem tudo, não são coisas todas separadinhas, assim. Então, até a gente entender como que funciona, como que, por exemplo, as pessoas têm grupo de amigos em que os amigos são as pessoas vivem em bolhas completamente separadas.

Então, tem uma carga de tudo isso que a gente estava falando agora, né? Da sociedade ser mais conservadora e dessas separações sociais e tudo, claro, sem contar com as tensões do conflito mesmo com relação aos palestinos e também em cidades, por exemplo, como Jerusalém, onde vivem palestinos e israelenses e está todo mundo naquela disputa por espaço ali. É claro que isso faz com que a tensão seja muito grande no dia a dia.

Então, o teu trabalho também acaba trazendo uma carga de tensão enorme. Claro, no Brasil teria outros tipos de tensão, mas eu estou te explicando quais seriam essas específicas de um lado.

**P3: E você acredita que ser mulher te prejudicou ou te beneficiou de alguma forma nesse país?**

R3: São situações específicas. Por exemplo, eu fui entrevistar uma vez um judeu ortodoxo que vivia em Jerusalém e enquanto eu estava entrevistando-o, ele não podia olhar nos meus olhos, porque para eles é considerado errado.

Então, assim, é diferente. Você não está acostumado com isso. Até a tradutora que estava comigo, na época, me explicou, “olha, ele não está olhando para você e nem para mim porque eles não podem.” Então, com certeza faz diferença ser mulher.

E vai fazer diferença eventualmente, talvez, em coisas que a gente não vai nunca conseguir alcançar e avaliar exatamente. Será que isso aconteceu porque eu sou mulher? Será que determinada... essa questão mesmo, né, do sexismo e das barreiras que a gente como mulher enfrenta no dia a dia. É que muitas vezes você pode estar lidando com uma situação em que também não tem como apontar e dizer, nossa, isso aconteceu porque eu sou mulher. Porque, de repente, até se você, inclusive, falar isso para uma dinâmica da federação, alguém vai falar “imagina, você está inventando, não tem nada a ver, as pessoas são todas tratadas assim.”

É até um pouco difícil apontar e dizer que isso realmente aconteceu, mas já teve momentos, sim, em que eu fiquei numa dúvida, assim, nossa, não entendi direito o que aconteceu aqui. E eu acho que pode ser isso, sim. E, claro que, eventualmente, você vai ter a situação de que, às vezes, pessoas que talvez estejam mais acostumadas a ver a mulher como alguém, um ator passivo, digamos, na sociedade e que não representa uma ameaça.

Talvez, inclusive, quando você vai conversar com essas pessoas, seja até mais fácil de conversar com elas, porque elas não têm medo de você, do mesmo jeito que poderiam ter medo se um homem estivesse falando com ela, porque vê o homem como alguém que pode ameaçar o estado social dela e a mulher não passa pela cabeça dessa pessoa de que poderia ser uma ameaça também. Então, tem esses dois lados. Mas acho que tem um pouco também do lado da recepção, um pouco no sentido de, assim, acho que as pessoas não necessariamente estão acostumadas a ver uma mulher lidando com temas mais duros.

Isso, às vezes, também é uma resposta das pessoas que estão acompanhando o trabalho. E isso apareceu um pouco, sabe? De tipo, “nossa, mas por que não tem mais aqueles homens de antigamente cobrindo a guerra? Por que a gente tem que ver ela falando sobre a guerra?” Isso apareceu bastante. E isso era uma coisa que eu ficava assim, gente, eu tenho completa segurança do que estou fazendo, eu tenho domínio desse tema, eu não tenho nada em mim que eu pense assim, “nossa, se tivesse um homem das gerações mais antigas fazendo, seria muito melhor.”

Muito pelo contrário. Eu tinha noção de que o tanto que eu tinha estudado, me dedicado para aquele tema, só acrescentava para a cobertura. Então, aí nessas horas você consegue ver na fala da pessoa, caramba, essa pessoa não está querendo me escutar porque eu sou mulher. Mas aí é uma questão que realmente é um processo inteiro da sociedade para superar isso.

**P4: Ao estudar a participação feminina na cobertura de guerra ao longo da história, me deparei com o *woman's angle*. Você sente que hoje o seu escopo de produção tende a ser limitado pela barreira de gênero?**

R4: Aí a gente volta um pouco para aquilo que eu falei antes, que às vezes você está tentando fazer determinadas apurações e às vezes pode ficar um pouco difícil de saber se talvez esteja tendo dificuldade para entrar num lugar, por você ser mulher. Talvez se você fosse homem teria conseguido. E aí é bem nesse sentido mesmo que eu estou falando, entende? Porque justamente ali na região você tem toda essa questão do acesso aos lugares, está num lugar de conflito. No Brasil em tese você poderia ir aos lugares. Lá não, tem lugares que são limitados mesmo.

E aí você fica numa situação em que às vezes não sabe se o fato de você ser mulher está te atrapalhando. Conseguir uma autorização, um acesso, ou às vezes mesmo até um entrevistado

que pode não querer falar com você por causa disso. Eu acho que é limitado, mas eu acho também que a gente está conseguindo afirmar o nosso espaço.

Denise foi a outra correspondente brasileira que tinha lá, ela era correspondente pela Record. Então, na verdade, tinha duas correspondentes brasileiras lá. E era eu e a Denise, duas mulheres. A gente tem conseguido abrir esse caminho, sabe? Muitas pessoas podem não entender muito bem, ou até ficar incomodadas, ou até ver como se talvez você não tivesse um entendimento direito, como que informações tão duras podem vir de uma coisa que elas veem esteticamente como uma coisa mais suave. Mas eu acho que eu encontrei várias mulheres no caminho, cobrindo.

Inclusive, tanto em Israel quanto na Palestina. Na Palestina também tem jornalistas mulheres importantíssimas que fizeram um trabalho muito importante a partir de Gaza e a partir da Cisjordânia também. Por mais que as pessoas possam ficar incomodadas, eu acho que a gente está conseguindo abrir o espaço. Com certeza.

**P5: Você acredita que as suas vivências, profissionais ou não, influenciaram um pouco sua perspectiva sobre a guerra?**

R5: Eu cobri muitas questões relacionadas às sociedades polarizadas nos Estados Unidos e no Brasil também, com essa questão hoje em dia das sociedades cada vez mais divididas, cada vez mais polarização e lá isso também era uma questão.

Então, ficava mais fácil para mim prever as situações a partir disso que eu já tinha visto antes, e há situações em que é possível traçar alguns paralelos mentais também, mesmo a partir de situações brasileiras mesmo, de situações de violência que acontecem no Brasil e de situações de direitos humanos, e que podem parecer completamente distantes. Um grupo achando que a maneira de lidar com a violência é trazendo mais violência, um outro grupo que vem e responde que não tem como ser essa resposta. São duas discussões que, quando eu coloco nesses termos gerais, são bem parecidas com os dois lados.

Então, eu acho que tem sim, tem coisas que a gente traz para o lugar, porque no fim nós somos todos seres humanos, e por mais que às vezes as pessoas queiram dizer que essa é uma situação

super específica, super complexa, que só se aplica a esse lugar, a essas pessoas, porque enfim, e é impossível entender, não é verdade, são dinâmicas humanas muito recorrentes e que você se vê inclusive naquelas pessoas que estão passando por todos aqueles processos, não é uma coisa do outro mundo, sabe?

**P6: Na sua opinião, seu trabalho é mais sensível ou objetivo?**

R6: Eu acho que tem que ter uma mistura dos dois para o trabalho ficar bom. Se você for só sensível, vai ser difícil conseguir chegar no ponto. O correspondente precisa de certas técnicas para ir atrás dos personagens, encontrá-los, conversar com as pessoas. É preciso ter uma mente mais de ferramentas mesmo. Buscar aquelas suas ferramentas aprendidas no curso de jornalismo e aplicar de uma maneira que não passa tanto pela sensibilidade.

Mas a sensibilidade é uma ferramenta também, no sentido de que o jornalista, na verdade, está cobrindo uma guerra que, por definição, é uma situação de muito sofrimento para as pessoas que estão envolvidas. E se você for incapaz de entender esse sofrimento, não vai conseguir passar os direitos e informações

Acho que é um equilíbrio dos dois, sabe?

**P7: Esse sofrimento, de alguma forma, te afeta pessoalmente ou você consegue separar sua vida do que presencia no trabalho todos os dias?**

R7: Eu acho que não tem como, sobretudo num período tão longo de tempo. Eu fiquei um ano cobrindo a guerra, falando sobre isso 365 dias, menos os dias que eu estava de folga, mas durante um ano inteiro eu fiquei falando só sobre esse tema. E são histórias muito trágicas todos os dias, por mais que a gente tenha ferramentas.

Eu faço terapia, também faço outras orientações do que fazer para manter a saúde mental em dia. Por mais que eu tome os meus cuidados, é um tema muito pesado. Não tem como dizer que isso não vai, de certa forma, te trazer mais para baixo às vezes, e até você saber quando que precisa tirar um tempo para respirar, sabe?

**P8: Ao longo da pesquisa, diversos profissionais mencionaram sua entrevista como essencial para meu projeto. Qual é a sensação de representar uma figura tão marcante na cobertura da guerra atual?**

R8: Eu não sei, porque ao mesmo tempo a gente se sente muito pequena às vezes fazendo esse trabalho. Você acompanha muito o sofrimento das pessoas. O jornalista tem esse trabalho social de ouvir as pessoas e de transmitir o que está acontecendo. Mas é inevitável que às vezes você não se sinta muito impotente também, de não poder aliviar a dor dessas pessoas de uma maneira mais objetiva do que isso. Mas, é aquilo, ouvir as pessoas e levar fora delas o dia a dia já é bastante coisa.

No fim, acaba ficando uma sensação com relação a mim mesma, parece que eu estou devendo, sabe? Parece que o que eu fiz não foi suficiente, que eu deveria... A gente se cobra muito, e isso é normal de jornalista. Imagina uma jornalista mulher, né? Enfim, a gente já se cobra muito naturalmente.

Então nem consigo ver muito desse jeito. Porque parece que eu sempre queria fazer mais e ter feito mais. É difícil.

**P9: Durante o período de cobertura, foi possível sentir o impacto da sua presença em Israel para o povo brasileiro?**

R9: Eu não tinha um escritório em Israel. Eu não tinha uma redação com um monte de gente. Então, eu não estava em contato com as pessoas no Brasil. Não é que eu não tenha amigos brasileiros, mas não são pessoas que estão no Brasil. Então, é completamente diferente. E recebo muita mensagem de redes sociais, obviamente.

Mas também são mensagens bem variadas. Inclusive, já recebi um monte de xingão, mas também recebi um monte de declaração de amor, pedido de casamento... As minhas preferidas são umas senhorinhas.. Acho que elas se veem meio como minha mãe, sabe? Elas dizem assim, “ai, querida, está muito perigoso aí!”

Então, eu consigo ter uma noção um pouco por essas mensagens, mas não totalmente. Mas, para eu saber exatamente da recepção, a gente estando longe, é uma das coisas do correspondente. A gente não sabe direito.